



ANO 4 - NÚMERO 45 - JULHO 2018

apuri

SOCIOAMBIENTAL

R\$ 10



LEMBRANÇAS DE WOODSTOCK

p. 08

CULTURA

Universidade Aberta do Cerrado. A diferença que a diferença faz

p. 22

BEM-VIVER

Durma bem para manter a forma

p. 28

UNIVERSO FEMININO

A arte engajada de Vivi Dourado nas paradas de ônibus de Brasília

p. 46

DEFENDER A CAIXA É DEFENDER A HABITAÇÃO

A Caixa é o banco da habitação. Graças a ela, milhões de brasileiros realizam o sonho da casa própria todos os anos.

Isso é possível porque a Caixa é 100% pública. É urgente barrar os planos do governo para privatizar o banco.

Acesse o site e conheça a campanha do Comitê Nacional em Defesa da Caixa, composto pela Fenae e outras entidades.



www.defendaacaixa.com.br



DEFENDA A CAIXA VOCÊ TAMBÉM

“ **A coisa mais fina do mundo é o sentimento.** ”

Adélia Prado

COLABORADORES/COLABORADORAS JULHO

Altair Sales Barbosa – Arqueólogo. **Antenor Pinheiro** – Jornalista. **Bia de Lima** – Jornalista. **Calleb Reis** – Fotógrafo. **Cazuza (in memoriam)**. **Clarice Lispector (in memoriam)** – Escritora. **Eduardo Otávio Pereira** – Sociólogo. **Emir Sader** – Sociólogo. **Gabriel de Aquino** – Jornalista. **Iêda Leal de Souza** – Educadora. **Ivan Cosenza** – Escritor. **Jaime Sautchuk** – Jornalista. **José Eduardo Riceto** – Médico. **Kaiti Yawalapiti** – Líder Indígena do Xingu. **Laura Tavares** – Jornalista. **Leonardo Boff** – Escritor. **Lúcia Resende** – Educadora. **Maria Fernanda Rodrigues** – Jornalista. **Zezé Weiss** – Jornalista.

CONSELHO EDITORIAL

- | | |
|--------------------------------------|--|
| 1. Jaime Sautchuk – Jornalista | 7. Emir Sader – Sociólogo |
| 2. Zezé Weiss – Jornalista | 8. Graça Fleury – Educadora |
| 3. Altair Sales Barbosa – Arqueólogo | 9. Jacy Afonso – Sindicalista |
| 4. Ângela Mendes – Ambientalista | 10. Jair Pedro Ferreira – Sindicalista |
| 5. Antenor Pinheiro – Jornalista | 11. Iêda Vilas-Bôas – Escritora |
| 6. Elson Martins – Jornalista | 12. Trajano Jardim – Jornalista |



EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental
Telefone: (61) 9 9967 7943. **E-mail:** contato@xapuri.info. **Razão Social:** Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. **Endereço:** BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.801-970 – Formosa, Goiás. **Atendimento:** Geovana Vilas Bôas (61) 9 9884 4810. **Edição:** Zezé Weiss, Jaime Sautchuk (61) 98135-6822. **Revisão:** Lúcia Resende. **Produção:** Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires – 386/ GO. **Menor Aprendiz:** Ana Beatriz Fonseca Martins. **Mídias Sociais:** Eduardo Pereira. **Logística:** Calleb Reis. **Tiragem:** 5.000 exemplares. **Circulação:** Revista Impressa – Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri.info. **Distribuição:** Revista Impressa: Todos os estados da Federação. ISSN 2359-053x.

Se o filósofo Herbert Marcuse, um dos ideólogos da Contracultura dos anos 1960, estivesse vivo nos dias atuais, por certo sofreria muito de desgosto. Se vivesse no Brasil, então, seria acometido de contínua crise apoplética, na desesperança.

Sua crítica feroz ao consumismo e às tecnologias desnecessárias, imbecilizantes, teria fartura de subsídios nas atitudes de grande parte da juventude da atualidade. Dados de diversos matizes e procedências, a toda hora divulgados, não nos deixam falsear a realidade, lamentavelmente.

São tempos de verbos trocados, em que se reforçam o individualismo e o descaso pelo outro. A solidariedade, a partilha e o bem-querer são sentimentos diluídos em névoas de ganância e de mais querer, que empedram o viver.

Nesta edição, Xapuri faz breve viagem no tempo. Vai a Woodstock, algo muito além de um festival de música. Um momento de sincretismo, de defesa da paz mundial, quando a insatisfação com o estado de coisas então reinante ficava patente em um movimento global de crítica ao neoliberalismo latente, mas hoje vigente.

Teremos, também, nova contribuição ao debate sobre o papel do Estado em nossos dias, se instrumento dos ricos ou protetor dos pobres, mais fracos.

Todavia, nestas páginas que começamos a folhear teremos motivos de esperança e contentamento, de vermos um país de gente que faz. Da moça que encanta as paradas de ônibus de Brasília com sua arte sincera ou da universidade aberta que surge em Goiás, de modo inovador, por meio de instituição independente e capaz.

Teremos, também, a celebração do aniversário do primeiro centro de medicina indígena da Amazônia ou as revelações do estudo britânico sobre os alimentos que conseguem prevenir o câncer. E, ainda, orientações sobre como de se livrar da perda de memória, mal que aflige em especial os mais erados.

São apenas alguns exemplos, pois há muito mais. Vale a pena conferir.

Boa leitura!

Zezé Weiss e Jaime Sautchuk

Editores





Mensagens pra Xapuri

contato@xapuri.info

Excelente...

Marcelo Santos – Aparecida de Goiânia – Goiás.

Toda revista que trata de questões ambientais vale a pena. É conhecimento na certa.

Marta Horta – Goiânia – Goiás.

Excelentes artigos sobre a questão indigenista, os quais contribuem para o melhor entendimento da temática indígena em nosso país.

Fernandes Giffoni – Belém – Pará.

08 CAPA
Lembranças de Woodstock

26 MEDICINA INDÍGENA
Bahserikowí'i, o primeiro centro de medicina indígena da Amazônia celebra seu primeiro ano de vida

18 CONJUNTURA
Mais ou menos Estado?

28 BEM-VIVER
Durma para manter a forma

22 CULTURA
Universidade Aberta do Cerrado
A diferença que a diferença faz

44 SUSTENTABILIDADE
O peso kármico da história do Brasil

As imagens mais populares da @revistaXapuri



Imagem do mês

@a_natureza_das_coisas

Marque suas melhores fotos do Instagram com a hashtag

#revistaxapuri

Sua foto pode aparecer AQUI!

Xapuri – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: "Rio antes", ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!

15 BIODIVERSIDADE
Sobre abelhas e espatódeas

38 ARTE POPULAR
Madrecitas
Arte em retalhos, uma lindeza!

20 CONSCIÊNCIA NEGRA
Scholastique Mukasonga não quis escrever livros sobre o horror, mas ele está em todo lugar

39 MITOS E LENDAS
A lenda do Lago Paranoá

29 MISSÃO ANTICÂNCER
Três alimentos que atuam na prevenção do câncer

42 PERFIL
Roberto Corrêa, doutor caipira

30 TERCEIRA IDADE
E quando falha a memória?

46 UNIVERSO FEMININO
A arte engajada de Vivi Dourado nas paradas de ônibus de Brasília

32 GASTRONOMIA
Para aquecer no inverno: canjica!

48 URBANIDADE
Medellín, mobilidade inclusiva

36 ECOTURISMO
Água mineral
o parque Nacional de Brasília

50 MEMÓRIA
Como cantava o Cazuzo: o tempo não para

51 POVOS INDÍGENAS
Yawalapiti: resistência indígena em forma de arte



LEMBRANÇAS DE WOODSTOCK

Jaime Sautchuk

O mais importante festival internacional de artes populares do século XX foi, sem dúvida, o de Woodstock. Em agosto, comemora-se o seu 49º aniversário, mas parece que foi ontem, tal o realismo e a atualidade dos temas que afloraram naquele psicodélico evento, que ficou na memória como um grande encontro musical.

Foi um momento único, de origem desprezível, que nasceu da iniciativa de dois jovens que não sabiam o que fazer com o dinheiro que tinham, no país mais rico do mundo. E inigualável, pois foram em vão as inúmeras tentativas de reeditá-lo depois, lá mesmo, nos Estados Unidos, e em outras partes do planeta, inclusive no Brasil.

Era pra ter sido um evento bem organizado, em uma área cercada no interior de uma fazenda de Bethel, uma pequena localidade distante 160 quilômetros de Nova Iorque. Em verdade, era pra ter sido realizado na cidade de Woodstock, mas a comunidade local, temerosa de uma possível perda de seus valores morais e de danos ao seu valioso patrimônio, entrou na justiça e impediu a festa. Isso, às vésperas do evento.

Os organizadores argumentaram em contrário, mas o esforço não foi considerado. Tiveram a sorte de um fazendeiro da minúscula Bethel, vizinha de Woodstock, oferecer sua propriedade. Afinal, as inscrições de participantes e a venda de ingressos antecipadas, em números limitados, garantiriam ordem e rentabilidade, como queriam os organizadores. E o espaço foi preparado como estava nos planos.

Logo no primeiro dia, contudo, a cerca foi ignorada e der-

rubada pelo público em número dez vezes superior ao previsto e muita chuva enlameou o terreno com barracas improvisadas ou gente espalhada ao relento. Banheiros públicos e lanchonetes não deram nem pro começo, e o policiamento sumiu na multidão. Enfim, foi uma grande bagunça que deu certo – e marcou história.

No evento em si, os organizadores tiveram um baita prejuízo, pois deixaram de cobrar ingressos da grande multidão e tiveram de gastar dinheiro extra com reforço do palco e passarelas. Mas recuperaram tudo com o filme e os discos gravados durante o festival e vendidos depois.

O INVESTIMENTO

O início da história foi quando dois jovens empresários, John Roberts e Joel Rosenman, ambos com idade de 26 anos, queriam aplicar o bom capital acumulado com uma indústria farmacêutica, mas não sabiam em quê. Eles colocaram um anúncio inusitado nos jornais *The New York Times* e *The Wall Street Journal* com os dizeres: “Jovens com capital ilimitado procuram por oportunidades legítimas e interessantes e propostas de negócios”.

Apareceram milhares de propostas, mas uma delas se destacava. Era de dois outros jovens empreendedores, Artie Kornfeld e Mike Lang, que tinham muitas ideias, mas nenhuma grana. Inicialmente, eles propuseram a criação de um moderno estúdio de gravações de discos. Implantaria uma linha de produtos diferente das grandes gravadoras já estabelecidas, mas capaz de, por isso mesmo, concorrer com elas e abocanhar grande fatia do mercado.

A ideia evoluiu pra realização de um festival de música e outras artes que fosse capaz de desvendar novas tendências e que rendesse bom dinheiro. Com isso, reduziriam os custos e os riscos do estúdio. O evento seria realizado em local próximo a Nova Iorque, no estado do mesmo nome, onde estava o grosso do público que pretendiam alcançar. E seria entre os dias 15 e 18 de agosto, um período de entressafra da programação nesta área.

Um dos proponentes, Kornfield, de 25 anos, levava dupla vantagem no negócio. Ele era vice-presidente da *Capitol Records*, uma das grandes gravadoras de então, e conhecia bem o mercado. De quebra, tinha acesso às principais bandas de rock dos Estados Unidos e da Europa, o que facilitava a montagem do elenco do festival.

Seria alugada uma área na zona rural, próxima da sede do município, pra receber um público máximo de 50 mil pessoas nos três dias de apresentações, com a opção de ingressos pra um ou mais dias. Seria erguida uma cerca de telas, de uns dois metros de altura, com várias portarias bem guarnecidas. No interior, o palco com cobertura e bem protegido, banheiros químicos, com chuveiros, e pontos com água portátil em abundância.

Escolheram, então, a cidade de Woodstock, que, além de atender a esses requisitos, tinha uma infraestrutura adequada, com boa rede hoteleira, muitos restaurantes e lanchonetes, e um bom esquema de segurança. Um local bastante sofisticado, mas, talvez por isso mesmo, meio metido a besta, a ponto de enjeitar o evento quando tudo já estava em andamento.

Faltava menos de um mês.



Muitos artistas já haviam confirmado a participação e boa quantidade de ingressos já estava vendida. Ágeis, no entanto, os organizadores conseguiram o novo local, não muito distante dali, de modo a manter a programação prevista.

A vila de Bethel, por sua vez, havia sido, até a década de 1950, um concorrido centro turístico, com hotéis, resorts, motéis e restaurantes que atraíam um público em busca clima ameno de serra e uma famosa sopa de beterraba, muito apreciada pelos judeus.

A essa altura, porém, estava em franca decadência, com a rede hoteleira quase toda em ruínas e os moradores empobrecidos pela falta de ocupação. Os turistas haviam sumido, por terem surgido opções mais atraentes em outros pontos daquela parte do país.

O humorista e escritor Elliot Tiber morava na cidade, onde sua família tinha um hotel antigo, quase sempre vazio – “um fardo que nós carregávamos”, afirma ele no livro *Aconteceu em*

Woodstock (Editora Best Seller, Rio de Janeiro, 2009). A população de uns dois mil habitantes ficou dividida sobre a realização do festival, mas prevaleceu a tese de que aquela seria a chance de soerguimento da economia local.

O único empresário próspero na localidade era Max Yosgur, o melhor amigo de Elliot – justamente o fazendeiro que havia oferecido espaço aos organizadores do festival. Ele criava gado e mantinha uma agroindústria leiteira, cuja produção (leite, manteiga, queijos, iogurte etc.) era distribuída por uma eficiente frota de caminhões em Nova Iorque e estados vizinhos.

O fato de ele ser a favor de levar “um bando de hippies irresponsáveis” à localidade, como diziam alguns moradores, foi o que mais pesou, no final das contas. Muitos até ofereciam tortas, frutas, sucos e comidas salgadas aos visitantes que pareciam em dificuldades

Ademais, tampouco foi a “verdadeira mortandade” que alguns prediziam – morreram três pessoas: uma atropelada

por um trator, outra por um rompimento de apêndice e um terceiro por heroína em excesso, segundo um relatório médico. E duas crianças nasceram no período, e os partos foram feitos por alguns dos 70 médicos que atenderam em centros montados em barracas.

Não seria necessário dizer que as estradas da região ficaram plenamente engarrafadas, de modo que muitas pessoas deixaram seus carros a mais de 20 quilômetros e seguiram a pé. Já os artistas foram conduzidos em helicópteros até um heliporto que se comunicava com o palco por passarelas.

NO PALCO

Dos artistas e bandas convidados, poucas foram as recusas. Dentre elas, os Beatles, que justificaram com o fato de que não tocavam juntos havia três anos e estavam em processo de separação oficial. Já o grupo Led Zeppelin, também britânico, alegou que não queria “ser apenas mais um entre tantos”. Depois, porém, seus componentes con-

fessaram profundo arrependimento.

A falta de Bob Dylan foi sentida, mas ele alegou estar com um filho hospitalizado. De todo jeito, 32 bandas e artistas solos se apresentaram em Woodstock. O maior destaque foi Jimmy Hendrix, que empunhou sua esfuziante guitarra só a partir das 9 horas da manhã de segunda-feira, quando o festival era pra ter se encerrado no final da tarde de domingo.

Ele era bastante ignorado pela mídia dos EUA, que o considerava rebelde demais. Ali, contudo, sua apresentação foi gigantesca, a ponto dele entoar o hino nacional de seu país e despedaçar a guitarra no chão, em meio a acordes que pareciam fluir no espaço.

A maioria dos participantes, no fim das contas, era de artistas ianques, uns do gênero *country* (o caipira de lá), como Richie Havens, Arlo Guthrie e Joan Baez,

esta mais politizada, e o restante do rock, como Hendrix, Janis Joplin, Joe Cocker e os grupos Creedence Clearwater Revival e Jefferson Airplane. Alguns britânicos, como o The Who.

De fora desse eixo, marcaram a presença o guitarrista mexicano Santana, que havia morado no Brasil, e o tocador de sitar indiano Ravi Shankar, que havia tocado anos antes com os Beatles e virou uma espécie de guru oriental nos meios artísticos internacionais.

PAZE AMOR

A revolta da juventude contra o estado de coisas daquele mundo capitalista de 1969 ali se manifestou das mais diversas formas. Os padrões de comportamento (*the American Way of Life*) foram questionados no jeito de vestir, de comer, de namorar.

As crenças também deram lugar aos ensinamentos orientais, especialmente os indianos;

o poderio bélico do Pentágono contestado por gestos contrários à guerra genocida do Vietnã, então em curso; e o dinheiro resumido ao dito “um por todos, todos por um”.

O lema “Paz e Amor” continha muito mais do que a pregação da não violência e o apreço pelos demais seres humanos. Demonstrava a insatisfação generalizada com os pilares básicos do capitalismo. Era contra o ódio e a ganância, contra o consumismo e a acumulação de capital, contra o imperialismo do Tio Sam, empenhado em dominar o mundo pra obter maiores lucros e exportar suas próprias contradições, como pregavam os marxistas-leninistas.

A contracultura era um movimento que crescia no mundo ocidental de então, com características diferentes nos Estados Unidos, Europa, América Latina e noutros continentes. Especialmente em países europeus,



se valorizava o socialismo, com destaque ao chinês, a ponto de ser muito difundido o Livro Vermelho, de Mao Tsé-Tung (hoje chamado de Mao Zedong). O “maoísmo” prosperava entre os jovens, principalmente os europeus, e também estava presente no grandioso festival.

Havia, também, grande admiração pela revolução em Cuba, então ainda recente e muito viva, simbolizada pelas figuras de Fidel Castro e Che Guevara. Fidel comandava o regime cubano, batendo de frente nos Estados Unidos, e Guevara havia sido morto dois anos antes, em 1967, na Bolívia, tornando-se um personagem quase mitológico da luta pela libertação dos povos.

Havia, ainda, o mesmo sentimento em relação ao Pan-africanismo, que pregava a revolução socialista, com a tese de que um país africano poderia ser dirigido por governo que estivesse acima das etnias e diferenças culturais e que a África fosse unida. O líder marxista ganense Kwame Nkrumah influenciou esse movimento com suas obras teóricas e ações práticas.

Ele foi primeiro-ministro e presidente de Gana, desde se libertou da Inglaterra, em 1957, até 1966, quando foi deposto por um golpe de estado. Ele não morreu porque estava em viagem a Hanoi, então Vietnã do Norte e, ao voltar ao solo africano, exilou-se na Guiné, onde faleceu em 1972.

Mesma sorte não teve Patrice Lumumba, da República Democrática do Congo, que liderou a luta pela libertação do domínio belga, em 1960, mas ficou no poder por apenas 67 dias. Foi cruelmente assassinado e seu corpo diluído em um tonel de áci-

do. Outras lideranças do mesmo matiz despontavam na África naquele período. Julius Nyerere, da Tanzânia, Sekou Toure, da Guiné, Tom Mboia, do Quênia, são três exemplos clássicos.

É certo que, naquele final da década de 1960, a esquerda revolucionária tinha seus próprios métodos de atuação, inclusive no Brasil, com essa forte influência internacional. Aqui, a luta armada contra a ditadura militar mobilizou mais de uma dezena de organizações, em ações inicialmente urbanas, que depois evoluíram também pra zona rural.

CULTURA DO SÁRI

No entanto, o que era mais marcante maior parte daquele público que foi a Woodstock, de mais de meio milhão de pessoas, era o comportamento hippie, do desapego aos valores dominantes no mundo capitalista da época.

Cabelos longos e desalinados, trajes exóticos – o sári indiano, por exemplo –, com muitos colares e outros adereços (ou a simples nudez), a vida em comunidades, a produção de artesanatos e a pregação da libertação do uso de drogas eram as suas marcas mais visíveis.

É bem verdade que os chamados hippies eram apenas uma parte da Contracultura, um movimento que influenciou fortemente a juventude dos anos 1960, mas envolveu, de igual modo, adultos e idosos. Tampouco o uso de drogas era tão generalizado quanto parecia – à época, as mais difundidas eram maconha, haxixe, heroína e LSD.

Era principalmente um ideário de contestação à sociedade reinante, que se manifestava no comportamento e vestimentas,

mas também na literatura, na música, nas artes plásticas, no cinema, no teatro, na arquitetura, na educação, na filosofia, em muitos aspectos da vida, enfim.

Entre tantas manifestações da Contracultura, vale lembrar uma da música, no Brasil. Foi a Tropicália, surgida em 1967, que não era um gênero rítmico e melódico, pois misturava tudo, a começar por samba, rock e baião, mas sacudiu o cenário brasileiro da época.

Os cantores-compositores Caetano Veloso, Gilberto Gil, Tom Zé, José Carlos Capinan, Torquato Neto, o maestro Rogério Duprat, o artista gráfico Rogério Duarte, os grupos Mutantes e, depois, Novos Baianos foram seus principais integrantes.

Entretanto, na literatura muitos autores são anteriores ao movimento massificado e são considerados inspiradores dessa doutrina libertária. Hermann Hesse, escritor e artista plástico alemão, por exemplo, morreu já idoso, sete anos antes de Woodstock, mas seus livros, como “Lobo da Estepe”, “Sidarta” e “Knulp”, eram presença nas bolsas e mochilas dos andarilhos, com personagens marcantes desse jeito novo de encarar a existência humana, antiopressivo.

O também alemão Herbert Marcuse, naturalizado nos EUA, filósofo seguidor da doutrina clássica marxista, proclamava o fim da classe operária com a automação excessiva da sociedade industrial. E arrebatava simpatias pelo seu combate à tecnologia como instrumento de maior exploração por parte da classe dominante, a burguesia.

Ou seja, o desapego aos bens materiais supérfluos, desnecessários e fatores de dominação,

era uma característica desse movimento, apesar da massiva pregação em contrário dos grandes meios de comunicação. Um sentimento que ainda persiste entre grande parte da juventude nos países centrais do capitalismo.

Há coisa de cinco anos, uma detida e prolongada pesquisa nos EUA revelou os principais interesses dos jovens daquele país na sua vida. O item “ter um automóvel”, por exemplo, não constava da lista de dez preferências dos adolescentes de lá. Preferem o transporte público, coletivo, ou outros meios de locomoção, mais condizentes com as cidades que não comportam mais carros particulares.

No Brasil de hoje é bastante diferente, embora décadas atrás tenha prosperado, também aqui, a visão de que a solidariedade e o desapego aos bens materiais individuais sejam mais gratificantes à alma humana.

É certo que uma recente pesquisa do Departamento Nacional de Trânsito (Denatran) com o Instituto Ipsos demonstrou que, nas cinco regiões do país, a emissão de CNH (Carteira Nacional de Habilitação) caiu de 3 milhões em 2014 pra 2,1 milhões no ano passado. É significativo, pois o documento revela projeto de carro, mas 58% dos jovens entre 18 e 22 anos disseram que pretendem “cuidar disso no futuro”. O motivo atual foi escassez de grana, não de interesse.



Jaime Sautchuk
Jornalista. Escritor



ARTE
RELACIONAMENTO
CRIATIVIDADE TAMANHO
SUSTENTABILIDADE
PONTUALIDADE
CONTEÚDO QUALIDADE

ESTÉTICA
FORMATOS
COMPROMISSO
PONTUALIDADE
CRIAR CORES



nossagráfica



gráfica e editora

uma visão infinitamente nova



“Não sei se o mundo é bom
 Mas ele ficou melhor
 Quando você chegou
 E perguntou:
 Tem lugar pra mim?”

SOBRE ABELHAS E ESPATÓDEAS

Esses versos da canção Espatódea são para a filha de Nando Reis, para quem ele compôs a letra, mas bem poderiam ser para a árvore que dá nome à música.

A Espatódea (*Spathodea campanulata*) é uma árvore exótica, originária da África, que tem feito muito sucesso no Brasil, sendo plantada em calçadas, quintais e sítios. Isso porque, além de linda, com majestosas flores vermelho-alaranjadas, a planta tem crescimento rápido – sendo uma ótima opção para paisagismo.

As nossas abelhas, porém, não podem dizer que o “mundo ficou melhor” com a chegada da Espatódea. É que o néctar das suas belas flores é tóxico para elas – e para outros insetos (<https://goo.gl/vW4ne1>). Inclusive, ela está na lista das 100 piores espécies invasoras do mundo, elaborada pelo Grupo de Especialistas em Espécies Invasoras da União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN): http://www.iucngisd.org/gisd/100_worst.php.

Ou seja, a intenção de quem planta a árvore pode ser a me-

lhor possível (assim como a de Nando Reis ao homenageá-la), mas, sem querer, a Espatódea está prejudicando a nossa biodiversidade. Por essa razão, se você pretende plantar uma árvore na sua rua ou quintal, escolha uma espécie que seja nativa do Brasil. Assim você estará fazendo uma bela homenagem às abelhas e ao meio ambiente.

Fonte: <http://abelha.org.br/>

PROPOSTAS PARA A CONSERVAÇÃO DO CERRADO SERÃO ENTREGUES A CANDIDATOS À PRESIDÊNCIA

O direito de povos e comunidades tradicionais, esquecidos nos programas de governo, foi o condutor de atividades realizadas pela Rede Cerrado no mês de junho em Brasília

Não podia ser mais oportuno. Debater estratégias para a conservação socioambiental do Cerrado na semana em que se celebra o Dia Mundial do Meio Ambiente, 5 de junho, na Casa do povo foi, além de simbólico, rico em experiências. O Seminário Estratégia Nacional para o Cerrado reuniu, na Câmara dos Deputados, em Brasília, representantes de organizações da sociedade civil, de povos e comunidades tradicionais, pesquisadores e parlamentares.

O objetivo foi iniciar a construção de um documento político com estratégias para manter o que resta do Bioma que, somente nos últimos dois anos (2016 e 2017), perdeu o equivalente a 1,4 milhão de campos de futebol, segundo dados recentes do Ministério do Meio Ambiente. Mais da metade do Cerrado (52%) já não existe mais. "É o povo que trabalha para a conservação ambiental do Cerrado, mas somos esquecidos, não existem políticas para nós", lamentou a liderança indígena Jonas Gavião, durante apresentação no seminário.

Já Donald Sawyer, assessor sênior do Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN), que é uma das organizações que compõem a coordenação da Rede Cerrado, lembrou que é preciso manter, pelo menos, metade do Bioma em pé. "E isso só é possível por meio de amplas paisagens produtivas sustentáveis com a presença humana. São os povos, as comunidades tradicionais e os agricultores familiares que vivem em harmonia com a natureza", destacou Sawyer.

O Cerrado vem passando por intensos processos de desmatamento devido, principalmente, à especulação imobiliária, produção agropecuária em grande escala e aos grandes projetos minerais e energéticos. De acordo com o Ministério do Meio Ambiente, atualmente nove mil km² de Cerrado são desmatados por ano, o que representa o dobro da taxa de desmatamento da Amazônia. Essa devastação tem impactos diretos no clima e na escassez de água no Brasil.

Dona Dijé, que se autodefine como sendo várias: mulher, negra, quebradeira de coco, quilombola, além de coordenadora adjunta do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIOCB), também membro da Rede Cerrado, destacou que a luta dos povos é unificada.

"NOSSA FORMA DE FAZER, DE VIVER E LUTAR É O QUE NOS UNE. NOSSA LUTA É PELOS TERRITÓRIOS. NÓS, POVOS E NOSSAS COMUNIDADES TRADICIONAIS, QUEREMOS NOSSO TERRITÓRIO PARA PRODUZIR E PERPETUARMOS Nossas culturas ancestrais, conservando o local onde moramos. Conservando o Cerrado por meio do seu próprio uso".

Foi nessa perspectiva que representantes dos povos e das comunidades tradicionais, reconhecidos como guardiões da sociobiodiversidade, junto a pesquisadores e representantes de organizações não governamentais, deram

continuidade aos debates e à construção das propostas no dia seguinte ao Seminário. Durante os trabalhos, a importância do Cerrado para o equilíbrio ambiental de todo o Brasil, bem como a necessidade de torná-lo Patrimônio Nacional, junto com a Caatinga, na Constituição Federal, foram assuntos destacados. (Conheça a Campanha Sem Cerrado, Sem Água, Sem vida e

assine a petição em www.sem-cerrado.org.br).

Diversos outros pontos foram abordados no documento que segue em fase de revisão e qualificação com organizações da sociedade civil. O documento será entregue às campanhas dos presidentes em 2018 e se coloca como instrumento de recomendações e pressão política em prol do Cerrado.



Fotos: ISPN

PRIORIDADES PARA OS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS

- Demarcação dos territórios tradicionais.
- Inclusão da produção dos povos e comunidades tradicionais nas estatísticas do IBGE.
- Destinação de mais créditos para pequenos e médios produtores.
- Incentivo a pesquisas científicas e inovação tecnológica para a produção sustentável.
- Fortalecimento do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).
- Desenvolvimento de campanhas sobre consumo consciente, alinhadas à criação de áreas livres de transgênicos no Cerrado e à implementação do Programa Nacional para Redução do Uso de Agrotóxicos.
- Barramento da PEC 65, que derruba a licença ambiental para obras.



MAIS OU MENOS ESTADO?

Emir Sader

Fechando uma era em que o Estado tinha um papel central e anunciando outra em que mudaria radicalmente de lugar, Ronald Reagan dizia: "O Estado deixou de ser solução, para ser problema".

Começava a era neoliberal, em que os debates centrais se dariam tendo o Estado como tema decisivo. No período histórico do pós-guerra até os anos 1970, o Estado foi motor da expansão econômica e garantia dos direitos no Estado de bem-estar social. O neoliberalismo promoveu o Estado mínimo e a centralidade do mercado.

O período histórico começado no pós-guerra foi aquele em que houve maior crescimento econômico em toda a história do capitalismo – Eric Hobsbawm diz que foi a "era de ouro do capitalismo" –, ao mesmo tempo em que foram os anos em que mais melhoraram as condições de vida da massa da população. Na Europa houve três décadas de pleno emprego, entre outras conquistas sociais.

Cresciam os EUA, assim como as outras locomotivas do capitalismo então, a Alemanha e o Japão, assim como cresciam os países socialistas e os latino-americanos. Naquele período o eixo da expansão econômica eram grandes conglomerados internacionais, de que os da indústria automobilística foram os mais expressivos.

O esgotamento do período desenvolvimentista promoveu a abertura dos mercados nacio-

nais, a liberalização do mercado de capitais e, com ela, uma gigantesca transferência de capitais do setor produtivo para o setor financeiro. Porque, como dizia o Marx, o capitalismo não está feito para produzir, mas para acumular.

O eixo da economia capitalista passou a ser assim o capital financeiro. Um capital financeiro distinto, não o que financia a produção, o consumo ou a pesquisa, mas o capital financeiro que vive da compra e venda de papéis, que vive do endividamento de governos, de empresas e de indivíduos. Quando começou a crise econômica internacional em 2008, Obama anunciou que era preciso salvar os bancos, senão suas telhas cairiam na cabeça de todos.

Os bancos se salvaram. Quem quebrou em seguida foram os países, como a Grécia, Portugal, Espanha, Itália. Enquanto os bancos se enriqueceram como nunca. Quanto maior endividamento, mais os bancos se fortalecem.

Hoje no Brasil, por exemplo, não faltam capitais. Basta ver o balanço dos bancos privados, como seus lucros aumentam exponencialmente. Os recursos estão na bolsa de valores, na sonegação das grandes empresas, nos paraísos fiscais. Mas quando se anuncia, ao final de cada dia, o movimento da bolsa de valores, são cifras astronômicas, porém não se produziu nem um bem, nem um emprego. Ao contrário, se intensificou a concen-

tração de renda, se colocou em movimento capitais na esfera puramente especulativa.

Essa situação é produzida pelo enfraquecimento da regulação estatal do mercado econômico e suas desastrosas consequências sociais, entre elas, altos níveis de desemprego. Menos Estado significa mais mercado. Mais mercado significa mais capital financeiro e mais especulação financeira. Com mais recessão.

Quem prega a retomada do crescimento econômico, que precisa da garantia dos seus direitos sociais, quem quer o Brasil com uma política externa soberana, demanda mais Estado, menos liberalismo econômico. O mundo foi menos injusto, quando foi menos liberal.

Quem precisa do Estado é a grande maioria, relegada e excluída pelo mercado. Menos Estado favorece a especulação financeira, a recessão econômica e a exclusão social. Democracia social, econômica e política só podem existir com um Estado regulador, que legitimamente representa toda a sociedade, com governantes legítima e democraticamente eleitos.



Emir Sader
Sociólogo
Autor do livro "O Brasil que queremos."



SCHOLASTIQUE MUKASONGA NÃO QUIS ESCREVER LIVROS SOBRE O HORROR, MAS ELE ESTÁ EM TODO LUGAR

Maria Fernanda Rodrigues

Em abril de 1994, 37 pessoas da família de Stefania e Cosma, seu marido, incluindo o casal e ao menos duas dezenas de crianças, foram exterminadas – o genocídio de Ruanda soma cerca de 1 milhão de pessoas assassinadas cruelmente em 100 dias. Scholastique e seu irmão André não estavam lá. A família tinha decidido que eles sobreviveriam.

E, como sobrevivente, ela decidiu que era seu dever guardar a memória de todos. Foi assim que essa assistente social que iniciou sua formação em Ruanda e continuou no Burundi, para onde foi, com muito custo e risco, com André, no início dos anos 1970, se tornou escritora.

Baratas, o livro que ela escre-

veu, sem pretensão literária, justamente como “dever de memória”, e que a Gallimard publicou em 2006, chega agora ao Brasil pela Editora Nós um ano depois de ela ter se tornado uma das sensações da Flip, quando, desconhecida do leitor brasileiro, lançou aqui os dois livros seguintes. *A Mulher de Pés Descalços* (2008) fala sobre sua mãe e *Nossa Senhora do Nilo* (2012), um romance situado numa escola para meninas em Ruanda, como a que ela frequentou, que foi premiado na França com o Renaudot e vai virar filme do afegão Atiq Rahimi.

Autobiográfico, *Baratas* – o título remete ao modo como os tutsis eram chamados – é um retrato cruel de uma vida sob ameaça.

De uma vida miserável e da morte violenta de milhares de pessoas. É história de uma mulher que não estava lá no final, e carrega esse peso – e o peso de não ter coberto o corpo da mãe, decepado por facões, comido pelos bichos, quem vai saber, como tantas e tantas vezes ela pediu às suas meninas. “Quando eu morrer, quando vocês perceberem que eu morri, cubram o meu corpo. Ninguém deve ver o corpo de uma mãe”, recorda Scholastique em *A Mulher de Pés Descalços*.

A autora, que vive na França, respondeu a algumas perguntas do *Estado* por e-mail. Outras seguem sem resposta. É tudo muito recente. Há 24 anos, ela recebeu um envelope com uma única fo-

lha dentro. Nela, apenas o nome de seus 37 mortos.

“Meu primeiro sentimento foi o de uma enorme culpa. Por que teria eu sobrevivido? Por que eles e não eu? Como me juntar a eles? Estava à beira da loucura. Então inventei o que talvez se pareça a um mito, uma bela história para sobreviver, na qual gosto de acreditar: se meu pai me escolheu para partir em exílio não foi somente para salvar minha vida, mas para perpetuar a memória de todos os que estavam fadados a um extermínio programado”, conta.

Entre Scholastique Mukasonga receber a carta que confirmava o extermínio de sua família e a coragem de voltar a uma terra estranha onde ninguém mais a esperava, como descreveu, passaram-se 10 anos. Acompanhamos essa viagem em *Baratas*. Vemos sua tentativa de encontrar qualquer coisa que confirmasse que ali, naquele terreno, ela passou a infância, seus irmãos cresceram, casaram, seus sobrinhos nasceram. Que ali se dançava, fazia cerveja, se vivia.

“Quando me vi em Nyamata, para onde, em 1960, minha família e outros tutsis tinham sido deportados, já não havia mais nada. No lugar da casa de meus pais, só havia um mato espesso e arbustos impenetráveis. Quiseram erradicar todo vestígio da existência deles”, conta a autora. Foi nesse momento que compreendeu que tinha de escrever, mostrar que antes do genocídio houve uma família e amor.

De volta à França, juntou as anotações feitas na viagem para “transformá-las em um livro digno sobre os que tiveram a infelicidade de sobreviver”. *Baratas*, ela diz, é “um túmulo de papel”.

Scholastique Mukasonga nasceu em 1956, no sudoeste de Ruanda. Três anos depois, os primeiros pogroms contra os tutsis estouraram. “A engrenagem do

genocídio tinha sido acionada”, ela escreve no início do livro que narra sua história, que é a história de tantos outros que viveram sempre alerta, esperando o pior. Ela tinha 3 anos e se lembra dessas primeiras imagens de terror. Um bando aos gritos portando facões, lanças, tochas. Ela nas costas da mãe procurando esconderijo no bananal. A choupana coberta de palha onde viviam pegando fogo, os celeiros vazios. Ai começa a peregrinação da família, a expulsão e o exílio dentro de sua própria pátria.

O livro é cronológico, perpassa a infância da autora e retrata não só o terror que pairava sobre as pessoas de sua etnia, mas a miséria, a humilhação, os deslocamentos intermináveis a pé ou como gado em caminhões, a sede, a fome, o medo e a dor.

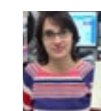
Acompanhamos também sua passagem pelo liceu Notre Dame de Cîteaux, para onde ela não queria ir, como se isso fosse afastá-la definitivamente da realidade de sua família, e foi isso mesmo que aconteceu, e onde ela conheceria “a solidão da humilhação e da rejeição”. Essa é a matéria-prima do romance *Nossa Senhora do Nilo*.

Baratas também fala dos que sobreviveram – não sem antes presenciar as piores atrocidades que o ser humano foi capaz naquele início de 1994. E, pelas lembranças que emergiram do trauma, ela foi capaz de conhecer o destino de alguns dos seus familiares mortos – que ela divide, provavelmente não por completo, com o leitor.

“Eu não quis fazer de meus livros obras sobre o horror. Sempre me recusei a detalhar as atrocidades sádicas cometidas pelos genocidas em suas vítimas. Por pudor e respeito às pobres moças e crianças que sofreram os suplícios mais abomináveis”, explica. “E mesmo em *Baratas*, o mais sombrio, o humor não está ausente. No gueto de

Nyamata também conheci dias felizes durante minha infância. E eles devem ser preciosamente preservados”, completa.

Havia poucas opções de profissão para uma menina de 15 anos naquele final de anos 1960 em Ruanda. Ela escolheu a de assistente social. Até quis voltar para ajudar os exilados de Nyamata, mas não pôde. Fez isso no Burundi, no Djibuti e na França. “Creio que este belo ofício que exerço todos os dias é necessário para meu equilíbrio. Desejo permanecer o mais próximo possível das misérrimas do mundo e tento, com meus poucos meios, apaziguá-las.”



Maria Fernanda Rodrigues

Jornalista. Matéria publicada no Caderno de Cultura do jornal O Estado de São Paulo em 30 de junho de 2018, e reproduzida no Portal Geledés.

Matéria sugerida por Iêda Leal de Souza, Educadora, Coordenadora Nacional do Movimento Negro Unificado – MNU.



UNIVERSIDADE ABERTA DO CERRADO A DIFERENÇA QUE A DIFERENÇA FAZ

Altair Sales Barbosa

O Instituto Altair Sales é uma instituição de natureza científica, cultural, educativa e estratégica, criada para dar suporte administrativo à Universidade Aberta do Cerrado, bem como aos projetos por ela propostos ou em fase de desenvolvimento.

Foi albergado inicialmente pelo Centro Cultural Cara Vídeo, onde aconteceram as primeiras reuniões, contando sempre com a colaboração e boa vontade de Maria Delma Costa, do padre Sergio Bernardoni e de Dom Tomás Balduino. Com a saudosa ausência destes dois, o grupo pensante buscou amparo nos empreendimentos da Fazenda Santa Branca, sempre contando com entusiasmo e apoio do Prof. Jeremias Lunardeli.

Em seguida, a ideia foi abraçada pelo Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. Entretanto, ainda não havia encontrado força suficiente para deslançar. Isto veio a se concretizar quando a estas instituições, consideradas parceiras, se

juntaram a Associação dos Professores da PUC de Goiás, principalmente através do seu Projeto Memórias, e do Movimento SOS Cerrado que, integrando profissionais competentes em diversas áreas, começou a dar um corpo jurídico e administrativo, resultando na criação de uma associação denominada Instituto Altair Sales.

UNIVERSIDADE ABERTA DO CERRADO - UAC

A UAC foi pensada para funcionar como centro irradiador de saberes e inovador na área do empreendedorismo educativo e sustentável.

Nesse sentido, os saberes se revestem em algo concretamente pluridisciplinar, que leva em consideração as vocações regionais, mas sem nunca perder a visão do global, dentro de uma concepção sistêmica. É uma nova concepção de universidade, que também abrange univer-

sos e diversidade. É informal, aberta, no sentido de acolher saberes formalizados, elaborados nas ditas academias, e saberes informais dos doutores e mestres, ou guardiões de fato, sempre que possível proporcionando a integração entre esses saberes.

Ou seja, o saber chamado erudito e o saber dito popular. Portanto, suas atividades são infindáveis, mas sempre no sentido de oferecer frutos educativos que contribuam para a busca de uma cidadania plena e da sustentabilidade planetária.

É essencialmente inclusiva, acolhendo toda a gama de saberes regionais e incorporando os saberes universais, recuperando seletivamente o conhecimento acumulado através dos tempos e colocando esses saberes para favorecer a superação constante da situação de subdesenvolvimento e para impulsionar os agentes sociais, na busca de processos educativos que resultem em incentivo à criatividade, à pesquisa e, conseqüentemente, na busca de soluções para os problemas sociais e ambientais do mundo moderno, de modo global, sem que haja a separação dos saberes.

Assim, os profissionais envolvidos nos inúmeros projetos da UAC devem

estar comprometidos com a realidade circundante, ajudando a criar as condições de desenvolvimento e de crescente bem-estar das populações. Sua participação no esforço da comunidade para superar a fome, a doença, a ignorância, a miséria, o sofrimento, o atraso e a marginalização, ajudam a imprimir à ação planejada maior objetividade e eficiência. Engajando-se, desta maneira, no esforço de crescimento econômico e social da região em que vivem e trabalham estes profissionais, eles ajudarão a robustecer um novo conceito de processo produtivo e a conseqüente distribuição de renda.

A UAC é mantida pelo Instituto Altair Sales e tem seus projetos direcionados preferencialmente para o Sistema Biogeográfico do Cerrado dos chapadões centrais da América do Sul, não só em virtude de sua biodiversidade biológica e cultural apoiada numa diversidade geoestrutural sui generis, mas também porque se trata da matriz ambiental bra-

sileira mais incompreendida e, por esta causa, mais degradada, fato que já está pondo em risco as outras matrizes ambientais do país.

Todas as atividades da UAC serão desenvolvidas através de projetos, alguns já estruturados e outros novos, que possam surgir de acordo com as exigências imediatas. Entretanto, todos os projetos devem se enquadrar dentro de uma diretriz norteadora, que sempre buscará uma educação eficaz e iniciativas científicas e culturais guiadas por princípios éticos que ajudem a construir novas mentalidades, críticas e criativas.

OS PROJETOS SE ENQUADRAM DENTRO DOS SEGUINTE EIXOS TEMÁTICOS:

- Escolas sustentáveis
- Antropologia geográfica
- Cursos oficinas e eventos
- Fábrica pedagógica
- Coleção didático museológica
- Coleção mapas e painéis complementares
- Coleção ciência em audiovisual
- Coleção brinquedos cantados
- Museus e parques de ciências
- Empreendedorismo sustentável
- Parque temático
- Educação mamulenga no cerrado
- Projeto caminhos do cerrado
- Projeto artesão do educador ao empreendedor
- Enciclopédia virtual do cerrado
- Almanaque educativo
- Artigos científicos
- Coleções científicas
- Documentos de pesquisa
- Músicas do cerrado
- Vídeos
- Entrevistas
- Museu virtual do cerrado



Altair Sales Barbosa
Arqueólogo. Excertos do livro "O Piar da Juriti Pepena - Narrativa Ecológica da Ocupação Humana no Cerrado". Sales, Altair [et al]. Editora PUC-Goiás, 2014.



CADERNO SAÚDE

“EM CUBA SÓTEM TRÊS COISAS QUE FUNCIONAM, É A SEGURANÇA, A EDUCAÇÃO E A SAÚDE”

Ivan Cosenza

Pai,
Desde os anos 1960 você escutava gente falando mal de Cuba, e nos últimos tempos foi a mesma coisa, inclusive com faixas idênticas, falando que “O Brasil não será uma nova Cuba”. Acho incrível que, com toda a possibilidade que temos hoje, as pessoas ainda tenham preguiça de pesquisar um pouquinho. O assunto andou meio esquecido, e mesmo sem querer essas pessoas foram recebendo informações e a maioria parou, apesar de ainda ouvirmos alguns “Vai pra Cuba!”.

Agora, aos poucos, eles começam a deixar escapar algumas informações, alguns fatos, e a gente vai pescando e mostrando até pra quem não quer ver.

A última partiu justamente de um jornalista de um daqueles programas que ajudaram a espalhar o ódio e a desinformação.

O tal jornalista disse que “Em Cuba só tem três coisas que funcionam, é a segurança, a educação e a saúde!”

“Putz Grila”, como você dizia, pai! Fico sem entender este pessoal. Eles mentem tanto que esquecem que a verdade as vezes escapole.

O ato falho desse pessoal é que juntando as duas frases, podemos concluir que se eles não querem que o “Brasil seja uma nova Cuba”, e que lá “tem segurança saúde e educação”.

Podemos ver que o que eles estão fazendo é exatamente lutar para que nós não tenhamos nada disso! Será que os que acreditaram neles estão conseguindo entender agora? Quero Segurança, Saúde e Educação!

Quero que o Brasil seja uma nova Cuba, pai!



Um beijo do seu filho,
Ivan



BAHSEKOWI'I,

O PRIMEIRO CENTRO DE MEDICINA INDÍGENA DA AMAZÔNIA CELEBRA SEU PRIMEIRO ANO DE VIDA

Zezé Weiss

Já faz um ano, desde 6 de junho de 2017 que todo santo dia, de segunda a sexta-feira, das 9 às 15h, os *kumu*, ou benzedores, especialistas indígenas do Alto Rio Negro atendem a população manauara, indígena e não-indígena, no Barsekowi'i, o primeiro Centro de Medicina Indígena da Amazônia brasileira.

É lá no Barsekowi'i, em um ambiente decorado com artesanato indígena, em singelas salas de atendimento compostas apenas por uma mesa e dois pequenos bancos feitos de madeira e palha que os pajés de diversas etnias, que dominam o conhecimento do *Bahsese* (benzimento) e das plantas medicinais, oferecem tratamento diferenciado, dependendo sempre do tipo de enfermidade diagnosticada.

Segundo o antropólogo João Paulo Barreto, ele mesmo da etnia Tukano, idealizador do Barsekowi'i, "Bahsese é o modelo pelo qual o *Kumu* aciona os princípios curativos contidos nos vegetais, que é acionado dentro de um elemento, pode ser água, tabaco, cigarro, urtiga. Durante esse processo, o *Kumu* não está rezando,

ele está evocando esses princípios para curar as doenças. Por isso, ele tem que dominar o conhecimento de animais e vegetais".

Segundo Barreto, a partir das várias experiências de sua própria vida pessoal e acadêmica, para implantar um modelo de saúde diferente do modelo ocidental, "de hospital", para valorizar um modelo pautado dentro das concepções, conhecimento e princípios indígenas, utilizados por sábios como o *Kumu* Manoel Lima, de 86 anos, pajé do povo Tuyuka, no Amazonas, especialista em dor de cabeça, dores musculares e tratamentos pós-parto e pós-cirúrgico.

Para garantir o atendimento a preços populares (R\$ 10 a consulta), o Barsekowi'i, que é gerido pelos próprios indígenas e não conta com o apoio ou a interferência das secretarias de saúde nem do governo nem da prefeitura, oferece de tudo um pouco, de cursos, oficinas e palestras, a camisetas, artesanato e ervas medicinais. A última novidade, anunciada na página do Centro de Medicina Indígena no Facebook, é a venda de pimenta jiquitaia (R\$ 10 a garra-

fa), produzida pelo povo indígena Desano na Aldeia do Balaio, no Alto Rio Negro.

Como resultado desse esforço coletivo, o Centro prospera, no prédio cedido pela Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB), na rua Bernardo Ramos, 97, Centro Histórico de Manaus, como mais uma opção de tratamento de saúde, baseada, segundo Barreto, "em técnicas e tecnologias indígenas, usadas de geração em geração" por respeitados pajés de etnias milenares como os Apurinã, Baniwa, Saterê-Mawé e Tikuna.

O Centro atende em média 30 pessoas por dia, sendo a maioria delas mulheres e não-indígenas. Além de pessoas procurando o atendimento com o *Bahsese*, o Centro vem recebendo a visita de lideranças indígenas como Davi Yanomami, além de representantes de organizações do terceiro setor, indígenas e não-indígenas, estudantes e professores. Informações sobre visitas e tratamentos podem ser obtidas com João Paulo Barreto: (92) 99271-7500 e Ivan Barreto: (92) 98223-553.



Fotos: Facebook Bahserikowi'i



Zezé Weiss
Jornalista
Socioambiental
@zezeweiss





DURMA PARA MANTER A FORMA

Clarice Lispector

A grande pergunta: como manter a juventude? E a resposta quase simples: dormindo.

Dormir é o melhor meio de se manter em forma, de conservar a juventude, de ter uma aparência fresca.

– Mas todos dormem, dirá você.

Dormem, sim, mas talvez durmam “errado”. Muitas vezes você pensa que seus nervos não estão bons, ou o fígado, ou não importa o quê – e no fundo o que lhe falta mesmo é dormir bem, é dormir mais. Como obter um sono mais reparador, que equilibre você para o dia?

- Cuide mais da alimentação: os alimentos devem ser frescos, as refeições sóbrias;
- Abstenha-se de tóxicos (café, álcool, etc.);
- Levante-se da mesa um pouquinho antes de sentir-se “satisfeita”;
- Procure fazer higiene mental;
- Evite brigas antes de ir para a cama;
- Aprenda a relaxar o corpo e os nervos;
- Tenha um quarto bem arejado. Se possível, claro durante o dia, bem escuro, durante a noite;
- Durma com boa orientação: Cabeça ao Norte. Se não for possível, cabeça ao Leste;
- Mantenha uma janela aberta que deixe o ar penetrar sem incidir diretamente sobre você;
- Procure obter obscuridade e silêncio. Para isso, pôr cortinas duplas nas janelas, e mesmo usar para os ouvidos uns tampões especiais de cera que os isolarão dos ruídos.



Clarice Lispector
em Correio Feminino.
Organização Maria Aparecida
Nunes. Editora Rocco, 2006.



TRÊS ALIMENTOS QUE ATUAM NA PREVENÇÃO DO CÂNCER

Laura Tavares

Para muitas pessoas, ter ou não um câncer é uma questão de destino. Será? Um estudo publicado na edição de dezembro de 2011 do British Journal of Cancer apontou que 45% dos casos de câncer em homens e 40% dos casos de câncer em mulheres poderiam ser evitados com a adoção de hábitos de vida saudáveis. Dentre esses hábitos, um que se destaca: é a alimentação. De acordo com a nutricionista Priscila Cheung, do Centro Paulista de Oncologia (CPO), uma dieta equilibrada previne não só o desenvolvimento de um câncer, mas de outras inúmeras enfermidades. “Alguns alimentos, entretanto, apresentam destaque quando o assunto é combater a multiplicação de células doentes”, afirma. Confira quais são eles:



BRÓCOLIS: Um estudo publicado na revista Molecular Nutrition & Food Research já comprovou a atuação de brócolis na prevenção do câncer. “Graças a diversos compostos, como o fitoquímico sulforafano, eles têm a capacidade de destruir células cancerígenas e deixar as demais intactas”, explica a nutróloga Tarama Mazaracki, da Associação Brasileira de Nutrologia (ABRAN). Na pesquisa, homens com câncer de próstata que consumiram o vegetal apresentaram inibição de determinada enzima que também é alvo de medicamentos para tratamento da doença. Resultados similares também puderam ser vistos em mulheres com câncer de mama, em estudo divulgado na reunião anual da American Association for Cancer Research.



FRUTAS VERMELHAS: Frutas vermelhas, como a framboesa e a amora, são ricas em antocianinas, fitonutrientes que retardam o crescimento de células pré-malignas e evitam a formação de novos vasos sanguíneos que poderiam estimular o crescimento de um tumor. Um estudo publicado no Journal of Agricultural and Food Chemistry mostrou que o consumo desses alimentos pode reduzir o risco de se desenvolver câncer de boca, câncer de mama, câncer de cólon e câncer de próstata.



CHÁ VERDE: Queridinho de quem está de dieta, o chá verde não ganha destaque somente por acelerar o metabolismo e evitar a formação de coágulos nas artérias. “A bebida também é rica em antioxidantes, que atuam na prevenção do câncer”, explica o nutrólogo Roberto Navarro, da ABRAN. Isso é o que mostra um estudo divulgado pela Cancer Prevention Research, que acompanhou a progressão do câncer de próstata em homens que passaram a tomar cápsulas de uma substância encontrada no chá. Outra pesquisa, da Chun Shan Medical University, em Taiwan, ainda destacou importante atuação do chá verde contra o câncer de pulmão. Segundo ela, uma única xícara por dia reduz em 13 vezes o risco de fumantes desenvolverem a doença.

Fonte: www.minhavidacom.br

Laura Tavares
Jornalista





E QUANDO FALHA A MEMÓRIA?

— José Eduardo Riceto

Planejar as tarefas do dia a dia ou reconhecer ambientes que sempre foram familiares podem começar a se tornar um desafio para determinadas pessoas. Essas podem ser características de uma alteração cognitiva, chamada Mal de Alzheimer, que afeta sobretudo a memória.

Pequenas tarefas, como lembrar o nome de um parente distante ou os detalhes do último episódio da novela, começam, pois, a exigir um esforço maior do cérebro.

Uma vez que a pessoa percebe os sintomas, surge a pergunta: porque eu tenho isso? Ainda é difícil explicar o motivo pelo qual a doença aparece, mas ela tem se tornado cada vez mais comum. Então, a suposição é que pode estar relacionada à morte de neurônios devido ao acúmulo de uma substância – o que afetaria diretamente a memória.

A ciência ainda precisa evoluir no entendimento sobre o Mal de Alzheimer, o que pode fazer com que o diagnóstico seja muito mais baseado na história contada pelos pacientes e familiares – mas sempre tendo a ajuda de exames específicos.

POSSÍVEIS CAUSAS

É raro o Alzheimer surgir antes dos 60 anos, mas o fator genético pode influenciar bastante. Ter um parente de primeiro grau com a doença aumenta entre 10% e 30% as chances de desenvolvê-la, e ter dois ou mais irmãos triplica o risco!

Normalmente, quanto mais tarde o problema começa, mais lento será o declínio cognitivo. A boa notícia é que há maneiras de preveni-la, mantendo hábitos de vida saudáveis. Procure cuidar da alimentação, então, mantendo uma dieta adequada e

controlando os fatores de risco de doenças cardiovasculares.

COMO PREVENIR

Não é novidade, decerto, que priorizar uma vida ativa também só traz benefícios para a saúde. Quem pratica atividade física pode ter menor incidência e menor prevalência na queda do cognitivo e, conseqüentemente, do Mal de Alzheimer.

As pessoas mais ativas podem, por isso, ter uma redução de 28 a 45% em comparação aos menos ativos. Outra hipótese apontada em estudos é que atividade física pode ajudar uma área do cérebro responsável pela memória.

Por isso, não perca tempo e se cuide! Nunca é tarde para melhorar a rotina alimentar, rever suas escolhas e movimentar o corpo. Uma vida saudável só traz ganhos para corpo, mente e saúde.



Em dezembro, o Brasil e o mundo completam 30 anos sem a presença física de Chico Mendes, o maior líder sindicalista e ambientalista que o Brasil já teve.

Um grande encontro dos povos da Amazônia e de seus parceiros e parceiras de todos os cantos do planeta está sendo organizado para os dias 15, 16 e 17 de dezembro, na cidadezinha acreana de Xapuri, onde nasceu e viveu o grande seringueiro até o dia do seu assassinato pelas forças do latifúndio, em 22 de dezembro de 1988.

Para que os povos extrativistas da Amazônia possam honrar a memória e celebrar o legado de Chico Mendes no encontro de Xapuri, contribua comprando uma camiseta em nossa loja solidária: www.xapuri.info/loja-solidaria.



José Eduardo Riceto – Médico.
Clínico geral da Cia. da Consulta.
Matéria publicada no Portal
Avosidade: <https://avosidade.com.br>



PARA AQUECER NO INVERNO: CANJICA!

Lúcia Resende

Aqui no Centro-Oeste, no Sul e Sudeste, chamamos canjica ou canjicada o munguzá ou mungunzá do Nordeste. Há ainda outras denominações como no Pará, onde a iguaria é conhecida como mingau de milho branco. Mas o estranhamento maior pra quem é daqui pode ser no Nordeste, onde canjica é o que conhecemos como curau, ou mingau de milho verde, outra delícia de que falaremos noutra oportunidade.

Assim como variam as denominações, varia muito também o jeito de fazer, pois o milho grosseiramente quebrado depois de cozido pode receber o acréscimo de ingredientes vários, desde leite comum, leite de

coco ou de castanha, amendoim, açúcar, rapadura até os temperos finais, cravo, canela, casquinha de laranja, cardamomo ou outros aromatizantes, conforme o paladar e a região.

Sem contar que em algumas casas a preferência é pelo milho cozido só com água mesmo e misturado com açúcar já na caneca, sem nenhum outro acréscimo. Por vezes, também o leite, mas não sempre. Esse era o costume na minha casa, no Triângulo Mineiro, que até hoje mantenho. Ao preparar a canjica, tiro logo um pouquinho do milho cozido e saboreio com uma colherada de açúcar, entremeanando as lembranças da minha mãe

à beira do fogão a lenha, sempre com uma história ou poema para nos encantar!

Mas a receita que trago aqui aprendi mesmo foi aqui em Goiás, com minha sogra, dona Terezinha Resende, cozinheira de mão cheia, sabida que só. Com poucos ingredientes, tudo na medida certa, mas sem muita invenção, ela era dessas rainhas do reino das delícias. Pois foi casa dela que comi a canjicada pela primeira vez há mais de quatro décadas. Depois disso, adotei esse modo de fazer simples e irresistível ao paladar, ainda que mais exigente.

Ah, aqui em casa há quem goste também dela bem gelada...

Ingredientes

- 1 pacote de canjica
- Água o quanto baste para cozinhar bem o milho
- 200 gramas de amendoim torrado, descascado e grosseiramente triturado
- 2 litros de leite
- 1 xícara de rapadura raspada ou açúcar mascavo
- 2 1/2 xícaras de açúcar (ou mais, se preferir mais doce).
- 4 a 5 cravos-da-índia
- 3 a 4 paus de canela
- Canela em pó para polvilhar
- 1 colher de chá rasa de sal

Modo de fazer

Lave o milho, deixe de molho por algumas horas e depois cozinhe até ficar macio. Enquanto cozinha, torra o amendoim, descasque, coloque no liquidificador e triture grosseiramente, de modo que alguns grãos permaneçam quase inteiros. Reserve.

Numa panela, caramelize 1 xícara de açúcar e depois acrescente o leite, aos poucos. Junte o cravo, a canela, o açúcar restante, a rapadura, o sal e o milho cozido. Daí, é só deixar ferver bastante, até engrossar, acrescentar o amendoim, deixando ferver mais um pouco. Por último, prove, para conferir o tempero e sirva bem quentinha, polvilhada com canela. É uma delícia, pode apostar!

Foto: Lúcia Resende





Ampliar o cuidado com o meio ambiente e com o outro é um dos preceitos trabalhados na Escola da Natureza

Fotos: Joelim Bonfim

Escola da Natureza completa 22 anos fortalecendo a consciência sustentável

Referência em educação ambiental, unidade no Parque da Cidade atende estudantes com atividades como plantio, reciclagem e estudos sobre a água e o Cerrado

Essa é comemorar mesmo. A Escola da Natureza completou, no dia 5 de junho, 22 anos de existência. Criada em 1996 com o objetivo de envolver a comunidade escolar da rede pública de ensino com as questões ambientais, a Escola da Natureza é o Centro de Referência em Educação Ambiental da Secretaria de Educação, vinculada à Coordenação Regional de Ensino do Plano Piloto. Nos últimos três anos vem recebendo estudantes da educação integral, dos anos finais, para desenvolver atividades ecopedagógicas.

É uma escola localizada em uma área de 5 mil metros quadrados de área verde no centro do Parque da Cidade e abriga

várias tecnologias sociais, como banheiro seco (tecnologia ecológica para os dejetos), minhocário, diversas hortas, bacia de evapotranspiração - modelo sustentável para tratar do esgoto sem gastar água - e várias outras obras para dar suporte a esse trabalho.

Na Escola da Natureza, as ações são baseadas em cinco grandes temas e suas pluralidades: Cerrado, consumo consciente, crise hídrica, energia e biodiversidade.

A diretora da unidade, Renata Potolski Lafetá, ressalta que os ensinamentos são focados no respeito a todas as formas de vida, o agente transformador do olhar e das atitudes dos estudantes.

“É fundamental para a vida dos alunos entender como eles estão envolvidos com o meio ambiente para que eles consigam ser a transformação dentro de casa, do universo de cada um, além de se perceberem como cidadãos, seres vivos”, diz a diretora.

Segundo a equipe gestora da Escola da Natureza, os professores das escolas parceiras relatam que a aproximação com o tema da educação ambiental sensibilizou e mobilizou as escolas para novas práticas escolares, auxiliando as abordagens multidisciplinares. A aproximação também reforçou a importância das práticas coletivas, com maior participação no planejamento e execução das atividades.

A necessidade de ampliar o cuidado com o meio ambiente e com o outro é um dos preceitos trabalhados na Escola da Natureza. “Por isso mesmo trabalhamos fortemente a questão dos valores. Quando falamos em educação ambiental, falamos de vida, falamos de cuidado - isso implica cuidado com o planeta, com a escola, com os colegas, com a família e com as pessoas com as quais os estudantes convivem”, explica Renata Lafetá.

Reflexos - De acordo com diretora é bem perceptível a mudança que ocorre com os estudantes. “Notamos nessas escolas com as quais trabalhamos que há diminuição da violência dentro da unidade escolar, pois trabalhamos a questão da paz, de viver bem, de respeitar as diferenças. A natureza é um campo enorme para abordamos todas essas questões que vivemos no nosso dia a dia. Quando falamos de diferença, só de observar uma árvore vemos todos os seres vivos que ali habitam e fazem parte de um ecossistema único; todos são importantes ali, assim como os seres humanos. Somos diferentes, mas somos todos importantes na construção da nossa sociedade e nós temos um papel a cumprir”, enfatiza.

Desta forma, diz Renata, “damos uma ênfase muito grande à questão dos valores, do respeito e do cuidado. A Escola da Natureza prepara para a vida e a vida não pode esperar. Então, esta é uma escola que recebe todos os estudantes com amor no coração para que repassem esse amor para todas as pessoas com que eles convivem, para todos os seres vivos e para todo o ambiente”.



Renata Lafetá: “A Escola da Natureza prepara para a vida e a vida não pode esperar”



A unidade escolar abriga diversas tecnologias sociais



www.sinprodf.org.br | facebook.com/sinprodf

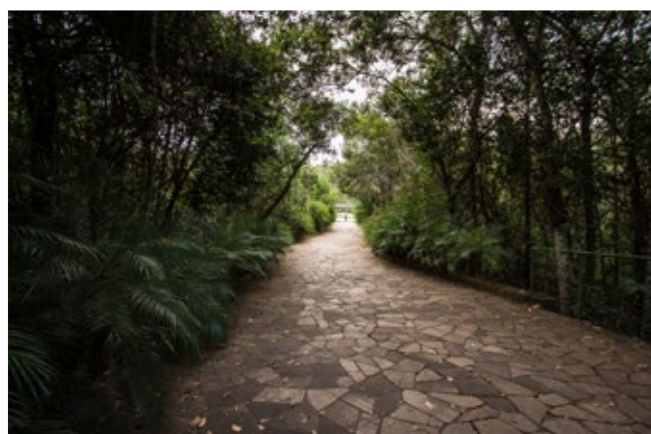


Foto: Divulgação

ÁGUA MINERAL

O PARQUE NACIONAL DE BRASÍLIA

Eduardo Pereira

Registra a história que, no princípio, o Parque Nacional de Brasília, criado em 29 de novembro de 1961, era para ser só um viveiro, um local para preparar as mudas das plantas que arborizariam a nova Capital.

Mas daquela área às margens do Córrego Acampamento foi extraída tanta areia para construir Brasília que se formaram enormes poças d'água, e dessas poças surgiram as piscinas, que deram ao Parque o apelido carinhoso de Água Mineral.

Surgiu, então, a necessidade de criação do Parque, para proteger os rios fornecedores de água potável para Brasília, incluindo as bacias

dos córregos formadores da represa Santa Maria, responsável por 25% da água potável que abastece a Capital Federal; manter a vegetação local em estado natural; e contribuir para o equilíbrio das condições climáticas do Distrito Federal.

Com sua área de 42.389,01 hectares, cerca de 423,8 km², abrangendo as regiões administrativas de Brasília-DF, Sobradinho-DF, Brazlândia-DF e o município goiano de Padre Bernardo, o Parque tornou-se um importante instrumento para a preservação dos ecossistemas locais e, por sua beleza cênica, um relevante espaço de turismo ecológico no Distrito Federal.

ATRATIVOS DISPONÍVEIS

PISCINAS DE ÁGUA CORRENTE

O Parque oferece duas piscinas de água corrente, Areal e Pedreira, com água constantemente renovada pelas nascentes localizadas em seus interiores, ou próximas a elas.

TRILHAS INTERPRETATIVAS

Para quem gosta de caminhada, o Parque dispõe de duas trilhas de pequena dificuldade: 1) a Trilha da Capivara, de 1.300 m, com duração de 20 minutos, aberta ao público todos os dias, e ótima para a observação de espécies de plantas do Cerrado e de Mata de Galeria; e, 2) a Trilha Cristal Água, de 5 km, com duração de cerca de 1 hora. Para um pequeno descanso e contemplação da natureza, uma parada com sombra pode ser feita à beira do córrego Cristal Água. A trilha é aberta à visitação todos os dias, das 6h às 15h30. Nos dois casos, é importante levar uma garrafa com água e usar roupas e calçados adequados para caminhada.

CENTRO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Hospeda uma exposição interpretativa e as maquetes do Parque.

ILHA DA MEDITAÇÃO

Construída a partir do aproveitamento de uma pequena represa construída para distribuição e abastecimento de água a alguns espaços de visitação do Parque. Mesmo sendo um espaço criado pela intervenção humana, a ilha abriga grande quantidade de aves e pequenos animais do Cerrado.

COMO CHEGAR

O Parque Nacional de Brasília está situado no Setor Noroeste, atrás da Asa Norte, a cerca de 10 km do centro de Brasília. O acesso se dá pela Estrada Parque Indústria e Abastecimento - Via EPIA - e é atendido por transporte coletivo que parte principalmente da rodoviária do Plano Piloto.

CONDICIONANTES PARA A VISITAÇÃO

Para assegurar a qualidade ambiental do Parque, há limites de carga humana para a visitação: 2.000 pessoas - quando há uma piscina disponível; 3.000 pessoas - quando as duas piscinas estão disponíveis. Atingido o limite de visitantes, o Parque permanece fechado à entrada de novos visitantes.

HORÁRIO DE VISITAÇÃO

O Parque fica aberto à visitação todos os dias, das 8h às 16h, com permanência permitida até as 17h. Para os visitantes com ingressos para entrada mensal, a entrada é permitida das 6h às 16h. Às vésperas de Natal e Ano Novo, o Parque só abre no período da manhã. Nos feriados da Paixão de Cristo, Finados, Natal, 1º de janeiro e em datas estipuladas pela Justiça Eleitoral para eleições, o Parque é fechado à visitação.

INGRESSOS

O Parque cobra ingressos para o público em geral (R\$ 26,00) e, para brasileiros ou estrangeiros residentes, oferece o Desconto Brasil (R\$ 13,00). Pessoas maiores de 60 anos e crianças com 12 anos incompletos estão isentas. Há também a opção de pagamento mensal (R\$ 120,00). Exceto para mensalistas, não é permitida a compra antecipada de ingressos, e todos os pagamentos devem ser feitos em espécie.



Eduardo Pereira
@weiss_guru

Fontes:
<http://www.icmbio.gov.br/portal/visitacao/1/unidades-abertas-a-visitacao/213-parque-nacional-de-brasilia.html>
https://pt.wikipedia.org/wiki/Parque_Nacional_de_Bras%C3%ADlia



MADRECITAS

ARTE EM RETALHOS, UMA LINDEZA!

Existe, em Formosa, cidade próxima à região metropolitana do Distrito Federal, um reino encantado de peças de patchwork chamado Madrecitas. É de lá que sua idealizadora, Camila Basso, somando bom gosto e excelência, ao mesmo tempo em que embeleza nossas vidas, gera ocupação e renda para talentosas costureiras de Formosa.

Organizadas - por Camila - em uma associação de "Madrecitas", mãezinhas em Português, mulheres formosenses se sentem valorizadas em seu talento no antigo ofício da costura. Com essa iniciativa, muitas mulheres, a maioria delas chefes-de-família, tornam-se autônomas, se empoderam, melhoram a qualidade de vida delas mesmas e de suas famílias.

É por essa razão que, ao comprar uma linda peça de patchwork na Madrecitas, você, ao mesmo tempo em que leva arte pra casa, também fortalece a história e a história das mulheres trabalhadoras de Formosa.

Agora, se não puder visitar a Madrecitas (Avenida Tancredo Neves, nº 100 - anexo do Posto Somar), os produtos em patchwork de Camila e das mulheres que trabalham com ela podem ser adquiridos na Loja Solidária da Xapuri. www.xapuri.info/loja-solidaria.



A LENDA DO LAGO PARANOÁ

Reza a lenda que há muito, muito tempo, antes da chegada dos primeiros bandeirantes ao Planalto Central, ali já existia um povo indígena: os Goiasés. E dentre eles crescia um belo jovem indígena chamado Paranoá.

Infelizmente o pai de Paranoá havia morrido por picada de cobra cascavel e sua mãe foi embora para outras terras na companhia de um jovem guerreiro. Paranoá cresceu, então, sob os cuidados do cacique dos Goiasés. Os dois se davam muito bem e, juntos, se preocupavam com o futuro de seu povo, que se reduzia cada vez mais.

Certo dia, Tupã apareceu a Paranoá em sonhos. Disse que ele deveria ficar vivendo no Cerrado, mesmo quando todo o seu povo tivesse partido. Disse ainda que mandaria uma

linda mulher a quem Paranoá deveria amar: com ela teria filhos e repovoaria toda aquela terra.

Obediente, Paranoá ficou sozinho aguardando sua prometida. Enquanto esperava, o jovem andava pelas matas e foi durante essas caminhadas solitárias que Jaci, a lua, de tanto admirá-lo, se apaixonou por ele.

Um dia, Paranoá ouviu sons diferentes na floresta e foi verificar. Avistou uma linda mulher e perguntou: "É você a minha prometida?" Estendendo os braços para ele, a mulher afirmou: - Sim, sou Brasília, a sua prometida.

Fiel ao seu sonho, Paranoá começou a andar em direção a Brasília. Finalmente não estaria mais sozinho. De repente, no entanto, percebeu que seu coração já tinha dona: era de Jaci,

a lua. O amor dela tinha sido constante durante todos aqueles anos.

Tupã percebeu o que estava acontecendo e, decepcionado com Paranoá, resolveu transformá-lo num lago, cujos braços estendidos tentam alcançar Brasília, que foi transformada numa linda cidade, ao mesmo tempo em que contempla a distante lua.

Dizem os mais antigos que, se um dia Jaci conseguir levar Paranoá para viver com ela no céu, Brasília desaparecerá tão rápido quanto surgiu.

SINTEGO NA LUTA PERMANENTE PELA VALORIZAÇÃO DA CARREIRA DOCENTE.

Bia de Lima



Foto: Acervo Sintego

Há dez anos, o Governo Federal, sob a gestão do Presidente Lula, sancionou a Lei 11.738/08, que delibera sobre o Piso Nacional Salarial dos Professores. Além de definir um valor mínimo para o salário dos e das profissionais do Magistério, a Lei determina, ainda, que ele deve ser reajustado no mês de janeiro de cada ano, observando um percentual definido pelo Ministério da Educação, que em 2018 anunciou reajuste de 6,81%.

O cumprimento dessa Lei é uma das principais bandeiras de luta do SINTEGO. Aqui em Goiás, neste ano de 2018, conseguimos que o Governo estadual cumprisse o reajuste ao professorado da rede estadual de Ensino.

Assim sendo, tanto os/as professores/as do Quadro Permanente do Magistério, quanto os/as do Quadro Transitório do Magistério receberão o mesmo valor percentual de reajuste. Ago-

ra, com relação ao Governo do Estado, seguimos lutando pela atualização da tabela dos e das profissionais administrativos.

Já no caso do município de Goiânia, a situação se inverte. A administração municipal já definiu proposta de reajuste dos profissionais administrativos, mas, com relação aos professores, apesar do nosso contínuo esforço de negociação, não há resposta satisfatória.

Isso porque entre os gestores

municipais vigora uma interpretação equivocada, com a qual o SINTEGO obviamente não concorda, de que o Piso só deve ser pago pela carga horária de 40 horas, não estando, portanto, os profissionais que trabalham 30 horas cobertos pelo reajuste legal do Piso, segundo o estabelecido pela Lei 11.738/08.

Ao descumprir a legislação federal para professores de todos os níveis, o município de Goiânia expõe parte do professorado goiano a uma situação de salário defasado com relação aos demais. Essa decisão causará, além de enormes sacrifícios financeiros, o achatamento da carreira, o desestímulo ao aperfeiçoamento profissional e à própria escolha do Magistério como profissão.

Em um país como o nosso, em que os/as profissionais que educam nossas crianças recebem, segundo dados do Inep, no Ciclo de Monitoramento das Metas do Plano Nacional de Educação, cerca de 25% a menos que os profissionais de outras áreas com a mesma escolaridade, o lamentável exemplo de Goiânia contribui apenas para fortalecer a política de desvalorização da Educação em nível local, estadual e nacional. Em consequência, conforme indicam vários estudos, a desvalorização enfrentada pelo professor reflete, também, no baixo desempenho dos alunos da rede pública, especialmente em português e matemática.

O que explica essa correção direta? Primeiro, os professores "não estão capacitados para enfrentar o desafio atual da escola pública, e a formação dos docentes, hoje desacoplada da re-

alidade da escola pública, é um problema central para a qualidade do ensino público. Depois, o professor hoje ganha pouco, corre risco de vida, principalmente quem trabalha nas periferias das grandes cidades com o problema da violência", diz o professor Mozart Neves Ramos, do Movimento Todos pela Educação.

Para Daniel Cara, presidente da Campanha Nacional pelo Direito à Educação, o baixo desempenho escolar das crianças nas escolas públicas brasileiras passa pela desvalorização da carreira do Magistério, pelos baixos investimentos em educação e pelos mecanismos atuais de avaliação aplicados no Brasil, centralizados no governo federal, distanciados da realidade local. Cara defende avaliações mais democráticas, com a participação dos estados, municípios e escolas e mais investimentos na educação, a começar pela valorização dos profissionais do Magistério, que são os que fazem a educação acontecer nas escolas do País.

Na mesma linha, o professor Fábio Antonio Gabriel, mestre em Educação pela UEPG, vê na contínua desvalorização da profissão de docente, "que se manifesta não apenas na remuneração aviltante que percebe um professor, se considerarmos que nenhuma profissão tem sobre si a responsabilidade de educar, como compete ao professor, que, além de ensinar, deve se dedicar a formar cidadãos", mas também nas deprimentes condições de trabalho, uma situação que denuncia como incontestável: "Vivemos uma inversão de valores na sociedade".

E esse processo de desvalorização do magistério "não afeta apenas o professor em sua individualidade, afeta todo o futuro de uma nação, na medida em que, se a carreira docente não é atraente, não atrai os melhores talentos, que disputariam uma vaga em concurso público que acene com salários mais convidativos, e o ensino, cada vez menos valorizado, cada vez mais estigmatizado, já não estimula os jovens a abraçarem essa carreira que, assim, decai, porque não logra despertar a vocação para a missão de educar", completa o professor Fábio.

É por essas razões, pensando sempre em fortalecer o direito de cada criança brasileira a uma educação digna, que o SINTEGO segue em luta pela revalorização da carreira docente, pela garantia do PISO aos professores goianos, sejam eles das redes municipais ou estadual, para que nossos educadores possam proporcionar a cada criança de Goiás uma educação plena, capaz de formar não somente cidadãos capazes e competentes, mas sobretudo cidadãos humanos, justos e solidários.



Bia de Lima
Educadora. Presidenta do Sintego.

SINTEGO
GENTE QUE TRABALHA A EDUCAÇÃO
SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DE GOIÁS

filial à
CUT **ONE**

ROBERTO CORRÊA, DOUTOR CAIPIRA

Jaime Sautchuk

Seu avô era tocador de viola com tradição, puxador de folias e, por essa razão, muito estimado. Mas, talvez não muito respeitado, pois contam que foi assassinado por um sujeito que não gostou dos dizeres de uma moda que ele compôs e cantou, lá em 1937. Com isso, quando Roberto Corrêa nasceu, 20 anos depois, esse instrumento era maldito entre os que o recebiam naquela casa.

Foi em Campina Verde, uma pequena e pacata cidade do Triângulo Mineiro, à época habitada ao som de tropeiros e do tilintar de suas boiadas. Sua mãe era funcionária da Coletoria Estadual na localidade e seu pai ficava boa parte do tempo longe da família, pois tocava uma fazenda que tinha em Aquidauana,

no Mato Grosso do Sul, região do Pantanal, bem distante dali.

Trabalho e estudo eram as palavras-de-ordem naquele lar, mas havia musicalidade no viver. Na infância, enquanto sua irmã aprendia a tocar acordeon e violão base, Roberto tinha aulas de solo de violão com o mestre José da Conceição, muito lembrado. No entanto, o que prevaleceu foi o estudo formal mesmo: dos quatro filhos, essa irmã virou dentista, um irmão arquiteto e o outro, médico.

Roberto, por sua vez, queria estudar Física, o que o fez se transferir ao Planalto Central, em 1975, pra buscar vaga na Universidade de Brasília (UnB). Ali, obteve os diplomas de graduação em Física e em Música, mas já percebia que

a área de ciências exatas não era bem o que ele queria. Bem mais tarde, de 2009 a 2014, prosseguiu os estudos até obter o doutorado em Musicologia pela Universidade de São Paulo (USP), na capital paulista.

O doutorado foi realizado com viagens semanais a São Paulo. O violão não abriu mão de continuar morando em Brasília, porque, como conta, "aprendi a amar a cidade desde o dia em que desembarquei pela primeira vez na rodoviária do Plano Piloto, com aquele cenário dos prédios monumentais em meio ao Cerrado". Foi ali que, nessas andanças, em 1977, ele comprou uma viola de 10 cordas numa liquidação de instrumentos, como quem não quer nada.

E podia muito bem ter se radicado em São Paulo, onde o mercado musical ofereceria maiores possibilidades. Mas ele justifica: "Eu sabia que a música que eu fazia não era comercial e entendi que não importava o lugar em que estivesse morando, eu teria que batalhar para que as pessoas conhecessem meu trabalho. E adorava morar em Brasília. Assumi o risco de conduzir minha carreira a partir de Brasília e em nenhum momento me arrependi".

Ainda durante sua peregrinação acadêmica, portanto, esse instrumento se exorcizava da maldição e passava a ser amado por Roberto. Amor pro resto da vida – e polígamo, já que são muitas as violas que, ao longo dos anos, ele vem acumulando, por causa dos formatos e afinações. Desde logo, passou às pesquisas de campo, pra desvendar as raízes e a cultura da viola, ou melhor, das violas.

Visitou violeiros tradicionais em diversas partes do país, percorrendo os chãos mineiros, goianos, mato-grossenses e do interior caipira de São Paulo. Manteve longas conversas (ou "tomou aulas"), por exemplo, com o então já idoso Zé Coco do Riachão, respeitado violeiro de Montes Claros (MG), com quem fundamentou um documentário em vídeo sobre a viola.

Mas rapidamente foi bater, também, no Pantanal Mato-grossense, onde a coisa mudou de figura. A viola-de-cocho pantaneira lhe chamou a atenção pelo seu formato e sonoridade diferentes, com apenas cinco cordas, que tem esse nome por ser escavada em madeira mole, na forma de um cocho, como aqueles que se espalham nas pastagens com sal pro gado.

Nesse acordado, Roberto compôs algumas de suas músicas que mais refletem a interação da arte com seu ambiente. É o caso de "Peleja de siriema com cobra", em que, nas cordas deslizantes, ele imita os gritinhos dessa ave, num entrevero com o inimigo rastejante e o desrolar melódico da contenda.

O fato é que, ao optar pela vida de violeiro, ele teve que enfrentar

alguns desafios. O primeiro deles foi quebrar o que ele chama de "mito" de que a viola precisaria, sempre, ser acompanhada por um violão, formando as tradicionais duplas. Hoje, ele diz com boa dose de satisfação que, "ao contrário, a viola tem enorme potencial como instrumento solista, nos moldes do violonista clássico".

Mas comprovou isso também em parceria com o jeitão bem popular de Inezita Barroso. Dessa relação, ele mesmo fala: "Em 1996, o produtor musical Pelão, o João Carlos Bottezzeli, me convidou para gravar um disco com Inezita Barroso. Foi um presente para mim. Eu tinha enorme admiração por ela e foi um grande encontro. Nos tornamos amigos, fizemos muitos espetáculos juntos e gravamos dois CDs, o 'Voz e Viola', em 1996, e o 'Caipira de Fato', em 1997".

Ao ser perguntado sobre que tipo de música ele faz, Roberto responde que é "caipira contemporâneo" ou "caipira erudito", dependendo do ambiente em que estiver. E sente-se à vontade em feiras agropecuárias em que é contratado ou em refinadas salas aqui ou no exterior, em que toca, algumas das vezes, representando o Brasil em eventos culturais, a convite do Itamaraty.

Até o momento, sua obra musical, além das dezenas de discos, é extensa, a começar por trilhas sonoras de filmes, peças teatrais e novelas de TV, muitas das quais compostas com exclusividade. Mas não enjeita tocar ou gravar clássicos da música caipira, ou sertaneja de raiz, de duplas que fizeram ou fazem muito sucesso no país. É o caso da dupla Zé Mulato e Cassiano, formada por dois amigos, também candangos.

Outra coisa que ele tem como sagrado é o repasse do conhecimento, a difusão da viola, seus ritmos e melodias, o que faz de diversas formas. Pode ser em vídeos distribuídos no sistema escolar ou nas redes sociais da Internet, em CDs ou em livros, o mais completo dos quais é um manual de viola.

– "Eu tô deixando tudo em livro, aplicativo, vídeo. Eu nunca escondi

nada. Toda a minha técnica, tudo o que aprendi com os violeiros antigos, que eu sistematizei, está disponível", afirma ele.

Em 1985, ele se transformou em professor da Escola de Música de Brasília, uma instituição pública, onde criou o primeiro curso de viola caipira de que se tem notícia. Ali ficou até janeiro de 2018, quando se aposentou. Mas não deixou de estudar e de tocar, até pelo contrário, pois tem a agenda de apresentações bem recheada pelos próximos meses.

De resto, segue com uma vida recatada como de costume, mora numa casa espaçosa, com quintal arborizado, numa área próxima ao centro de Brasília, com Juliana, sua solidária companheira de sempre, a filha Nara, de 13 anos, e o filho Ramiro, de 10.



Jaime Sautchuk
Jornalista. Escritor

O PESO KÁRMICO DA HISTÓRIA DO BRASIL



Foto: Agência PT

Leonardo Boff

A amplitude da crise brasileira é de tal gravidade que nos faltam categorias para elucidá-la. Tentando ir além das clássicas abordagens da sociologia crítica ou da história, tenho-me valido da capacidade elucidativa das categorias psicanalíticas da “sombra”

e da “luz”, generalizadas como constantes antropológicas, pessoais e coletivas.

Ensaiei uma compreensão possível que nos vem da teoria do caos, capítulo importante da nova cosmologia, pois deste caos, em situação de altíssima comple-

xidade e jogo de relações, irrompeu a vida que conhecemos, inclusive a nossa. Esta mostrou-se capaz de identificar aquela Energia Poderosa e Amorosa que tudo sustenta, o Princípio Gerador de todos os Seres, e abrir-se a Ele em veneração e respeito.



Pergunto-me que outra categoria estaria no repositório da sabedoria humana que nos poderia trazer alguma luz nas trevas nas quais estamos todos mergulhados. Foi então que me lembrei de um diálogo instigante entre o grande historiador inglês Arnold Toynbee e Daisaku Ikeda, eminente filósofo japonês (cf. Elige la vida, Emecé. B. Aires 2005) que durou vários dias em Londres.

Ambos creem na realidade do karma, seja pessoal, seja coletivo. Prescindindo das várias interpretações dadas a ele, me parecia ter encontrado aqui uma categoria da mais alta ancestralidade, manejada pelo budismo, hinduísmo, jainismo e, também, pelo espiritismo, para explicar fenômenos pessoais e coletivos.

O karma é um termo sânscrito originalmente significando força e movimento, concentrado na palavra “ação” que provocava sua correspondente “re-ação”. Esse aspecto coletivo pareceu-me importante, porque não conheço (posso estar equivocado) no ocidente nenhuma categoria conceptual que dê conta de um sentido de devir histórico de toda uma comunidade e de suas instituições nas suas dimensões positivas e negativas. Talvez, devido ao arraigado individualismo, típico do Ocidente, não tenhamos tido as condições de projetar um conceito suficientemente abrangente.

Cada pessoa é marcada pelas ações que praticou em vida. Essa ação não se restringe à pessoa, mas conota todo o ambiente. Trata-se de uma espécie de conta corrente ética cujo saldo está em constante mutação, consoante as ações boas ou más que são feitas, vale dizer, os “débitos e os créditos”. Mesmo depois da morte, a pessoa, na crença budista, carrega essa conta por mais renascimentos que possa ter, até zerar a conta negativa.

Toynbee dá-lhe outra versão, que me parece esclarecedora e nos ajuda a entender um pouco nossa história. A história é feita de redes relacionais dentro das

quais está inserida cada pessoa, ligada com as que a precederam e com as presentes.

Há um funcionamento kármico na história de um povo e de suas instituições consoante os níveis de bondade e justiça ou de maldade e injustiça que produziram ao largo do tempo. Esse seria uma espécie de campo mórfico que permanecería impregnando tudo.

Não se requer a hipótese dos muitos renascimentos porque a rede de vínculos garante a continuidade do destino de um povo (p.384). As realidades kármicas impregnam as instituições, as paisagens, configuram as pessoas e marcam o estilo singular de um povo. Essa força kármica atua na história, marcando os fatos benéficos ou maléficos. C.G. Jung em sua psicologia arquetípica notara, de alguma forma, tal fato.

Apliquemos essa lei kármica à nossa situação. Não será difícil reconhecer que somos portadores de um pesadíssimo karma, em grande escala, derivado do genocídio indígena, da superexploração da força do trabalho escravo, das injustiças perpetradas contra grande parte da população, negra e mestiça, jogada na periferia, com famílias destruídas e corroídas pela fome e pelas doenças.

A via-sacra de sofrimento desses nossos irmãos e irmãs tem mais estações do que aquela do Filho do Homem quando viveu e sofreu entre nós. Escusado é citar outras maldades.

Tanto Toynbee quanto Ikeda concordam nisso: “a sociedade moderna (nós incluídos) só pode ser curada de sua carga kármica através de uma revolução espiritual no coração e na mente” (p.159), na linha da justiça compensatória e de políticas sanadoras com instituições justas. Sem essa justiça mínima a carga kármica não se desfará.

Mas ela sozinha não é suficiente. Faz-se mister o amor, a solidariedade e a compaixão e uma profunda humanidade pra com as vítimas. O amor será o motor mais

eficaz porque ele, no fundo, “é a última realidade” (p.387). Uma sociedade incapaz de efetivamente amar e de ser menos malvada jamais desconstruirá uma história tão marcada pelo karma. Eis o desafio que a atual crise nos suscita.

Não apregoaram outra coisa os mestres da humanidade, como Jesus, São Francisco, Dalai Lama, Gandhi, Luther King Jr e o Papa Francisco? Só o karma do bem redime a realidade da força kármica do mal.

E se o Brasil não fizer essa reversão kármica permanecerá de crise em crise, destruindo seu próprio futuro.

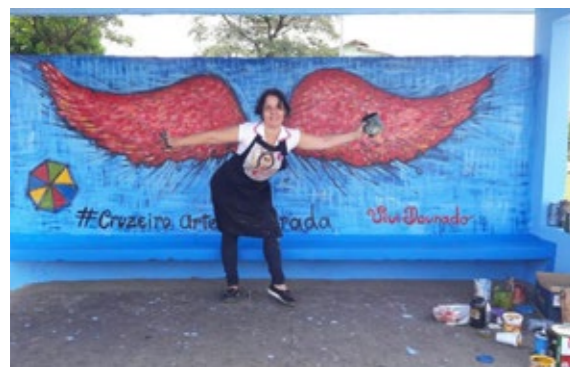
Ilustração: Divulgação



Leonardo Boff
Filósofo. Teólogo. Escritor.
Excerto do livro Saber Cuidar.
18ª Edição. Editora Vozes.
2012.

A ARTE ENGAJADA DE VIVI DOURADO NAS PARADAS DE ÔNIBUS DE BRASÍLIA

Zezé Weiss



Duas coisas vêm à memória quando se fala do Cruzeiro, um dos bairros mais antigos de Brasília: música, afinal ali está a ARUC-DF – Associação Recreativa Unidos do Cruzeiro, uma das mais premiadas escolas de samba da Capital Federal, e arte, mais precisamente “Arte nas Paradas”, engajado projeto social da designer e artesã Vivi Dourado.

Nascida ali mesmo no Cruzeiro, e inspirada pelo pai baiano, que era visionário, a irrequieta Vivi tomou pra si a tarefa de fazer do seu lugar um espaço mais leve e mais bonito. Começou pelas paradas de ônibus, onde transitam os mais pobres, onde dormem os sem-teto. Nelas, Vivi pinta cenas cotidianas de seu próprio entorno, como a de cadeirante cego guiado por um cão, ou a de crianças de mãos dadas com um idoso, mostrando sempre o lado bonito da vida em comunidade.

“Querer, eu queria mesmo é que o transporte urbano não demorasse tanto, nem que houvesse gente dormindo nas paradas do Cruzeiro, mas, enquanto essa realidade não muda, eu vou, com minha arte, levando um pouco de conforto para as pessoas que andam por aqui”, diz Vivi, enquanto mostra fotos na parede de trabalhos já realizados, incluindo as quatro paradas viradas para a Estrada Parque Indústria e Abastecimento (EPIA) com a iconografia de Brasília, e a pintura do Mapa da Quadra, que é tombada pelo Patrimônio Histórico, na parada da 508 Sul.

Devagar, porque na caminhada a moça vai criando laços com seu povo, os painéis de Vivi vão se espalhando pela cidade. Só no Cruzeiro, são 18. Um dos mais bonitos, segundo ela mesma, é o painel que Vivi fez na Entrequadra 206/207, juntando em um só painel várias de suas paixões: a ponte JK, um ipê florido, uma bicicleta e dois corações, em homenagem ao tio ciclista, Claudio Souza, falecido próximo ao local, atropelado por um carro.

O trabalho, organizado quase sempre para as manhãs de domingo, é 100% voluntário, feito com tintas doadas pelo comércio local, com o apoio da Administração local, que

deixa a parada limpa, e a ajuda de gente que a artista vai mobilizando na prosa pessoal, ou via redes sociais, para a “próxima parada”. A cada intervenção, aparecem cerca de 20 a 30 pessoas, algumas delas com comida, sucos e refrigerante para a confraternização coletiva, “o que torna o trabalho mais alegre e festivo,” diz Vivi.

Mas não só de fazer “arte nas paradas” vive a militante social do Cruzeiro. Entre um projeto e outro, Vivi ensina moradores do famigerado Buraco do Rato, ponto de encontro dos “sem nada” no Setor Comercial Sul (SCS) de Brasília, a produzir arte.

Ali, muitos deles, a maioria homens, recuperam parques momentos de esperança fazendo flores de ipê nos galhos secos que encontram pelas ruas. “Eles mesmos coletam os materiais recicláveis, eu só ensino as técnicas”, conta Vivi emocionada, mostrando fotos dos “alunos” que ela disputa com as drogas e com o tráfico em um dos locais mais vulneráveis na parte central da Capital do País.

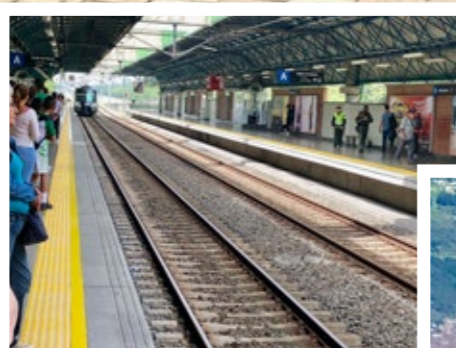
Para financiar boa parte da própria militância, Vivi se vira nessa vida. Junto com o sócio e namorado, o músico Felipe Rodrigues, também do Cruzeiro, organiza bingos, galinhadas, forrós. E produz e vende arte, muita arte impressa em um belo mix de suvenires com temas que vão das flores do Cerrado às figuras do Cangaço, às mulheres que admira, como a revolucionária Frida Khalo.

Os produtos de seu talento criativo, que se espalha por peças minúsculas, como tampas de garrafa que se reciclam em ímãs de geladeira, a pintura em caixas de fósforo, canecas, almofadas, bonecas e porta-trecos diversos, é vendido em casa, em feiras, em redes sociais, e agora também pela Loja Solidária da Xapuri: www.xapuri.info/loja-solidaria. Tendo um tempinho, faça uma visita e, gostando, leve com você um pouco da energia feliz e positiva dessa grande artista-militante das causas sociais de Brasília, que atende pelo singelo nome de Vivi Dourado.



Zezé Weiss
Jornalista
Socioambiental
@zezeweiss





Fotos: Antenor Pinheiro

MEDELLÍN, MOBILIDADE INCLUSIVA

Antenor Pinheiro, especial de Medellín, Colômbia

Medellín é uma cidade latino-americana localizada no Valle de Aburrá, a noroeste da Colômbia e

já foi considerada como uma das cidades mais violentas do planeta em razão do mundialmente te-

mido cartel de Medellín, liderado pelo narcotraficante Pablo Escobar, morto em 1993.

Mas hoje, mesmo que carregue na sua história o estigma daquele tempo difícil, a cidade quebrou velhos paradigmas e tornou-se referência mundial de desenvolvimento urbano e social não muito distante dos padrões de urbanismo europeus, canadenses, australianos ou estadunidenses.

Sério! Basta percorrer as ruas das 10 cidades que formam a mancha metropolitana de Medellín, em meio aos seus 3,6 milhões de habitantes, e conversar com as pessoas sobre suas percepções que a gente encontra as respostas pra confirmar o sucesso alcançado.

Rapidamente é possível identificar que um dos pilares dessas virtudes urbanas está na forma de gestão de toda a área integrada e na credibilidade que possui a autoridade institucional denominada Área Metropolitana.

Não por menos, em 2012 Medellín mereceu destaque do influente jornal New York Times por sua política de reforma urbana implantada no início deste século, em particular as políticas públicas baseadas no seu programa de Metrô. Está na integração modal do sistema de transportes o principal fator que contribuiu (e

contribuiu) para o desenvolvimento regional sob a égide da inclusão social.

A inusitada e ousada experiência também conferiu a Medellín, em 2013, o título de cidade mais inovadora do mundo em uma competição realizada pela ONG americana Instituto Urban Land, depois de superar centenas de outras cidades e as duas fortes finalistas, Tel Aviv e Nova York.

Ao vivenciar a região e conhecer essas políticas públicas em seus formatos diversos, entende-se a seriedade do vigoroso marco regulatório nacional baseado no Plano Nacional de Segurança Viária/2011-2021, articulado com outros quatro planos regionais em desenvolvimento (2014 e 2020) e a estruturação da Companhia de Desenvolvimento Urbano.

Mobilidade Urbana para os gestores de Medellín significa "pessoas em movimento", em alusão à prioridade de se construir e manter o conceito de "cidades para pessoas" em todas as ações governamentais. Esse, o foco de todo o Plano de Mobilidade de Medellín, que é composto de cinco pilares estratégicos: transporte público, estradas, trânsito, meio ambiente e desenvolvimento social/cultura cidadã.

Pegue-se o primeiro pilar, o transporte público! Sua essência é a consolidação do VASIT (Sistema Integrado de Transportes no Vale do Aburrá), que realiza a integração física, operacional e de tarifas dos meios de transporte públicos, como Metrô de Superfície, Metroplus (BRT), Ciclovias (bicicletas públicas), Calçadas, Metrocable (teleféricos), Escadarias (Comuna 13) e as rotas secundárias no Vale do Aburrá, para ser um meio de transporte ágil, confortável, eficiente, econômico e seguro. Note-se a melhoria na utilização dos espaços de mobilidade para mitigar os impactos ambientais e sociais em geral. E, finalmente, observe-se a melhoria da acessibilidade para pessoas com deficiência e de mobilidade reduzida na cidade.

Resumindo, políticas urbanas sustentáveis e investimentos públicos bem direcionados com foco na inclusão social permitem soluções de mobilidade que modificam o cenário urbano, garantem qualidade de vida às populações, superam estigmas e adversidades culturais e consolidam a premissa de que, quando a gente quer, a gente faz!

ABRANGÊNCIA DO SISTEMA DE MOBILIDADE METROPOLITANO (194,2 km)

- Gestão metropolitana (10 municípios)
- Transporta 700 mil passageiros/dia
- 32 km de metrô de superfície
- 12 km de teleféricos
- 26 km de BRT/ônibus
- 4,2 km de trem
- 120 km de ciclovias
- 384 metros de escadarias (Comuna 13)
- Calçadas com acessibilidade universal (regiões adensadas ao longo das linhas de TC)

Fonte: Área Metropolitana, Subdiretoria de Mobilidade, 2018

População: 3.597.988
Área de 1.326,39 km²
Densidade Populacional: 2.712,61 hab/km²
Altitude máxima: 1.538 msnm (Medellín)
Altitude Mínima: 1.300 msnm.

Fonte: Anuário Estatístico da Antioquia, Colômbia, 2015.



Antenor Pinheiro
 Jornalista. Comentarista da CBN Goiânia. Membro da Associação Nacional de Transportes Públicos /ANTP.

COMO CANTAVA O CAZUZA: O TEMPO NÃO PARA

Antenor Pinheiro

Disparo contra o sol
Sou forte, sou por acaso
Minha metralhadora cheia de mágoas
Eu sou um cara
Cansado de correr
Na direção contrária
Sem pódio de chegada ou beijo de namorada
Eu sou mais um cara

Mas se você achar
Que eu tô derrotado
Saiba que ainda estão rolando os dados
Porque o tempo, o tempo não para

Dias sim, dias não
Eu vou sobrevivendo sem um arranhão
Da caridade de quem me detesta

A tua piscina tá cheia de ratos
Tuas ideias não correspondem aos fatos
O tempo não para

Eu vejo o futuro repetir o passado
Eu vejo um museu de grandes novidades
O tempo não para
Não para, não, não para

Eu não tenho data pra comemorar
Às vezes os meus dias são de par em par
Procurando agulha num palheiro

Nas noites de frio é melhor nem nascer
Nas de calor, se escolhe, é matar ou morrer
E assim nos tornamos brasileiros
Te chamam de ladrão, de bicha, maconheiro
Transformam um país inteiro num puteiro
Pois assim se ganha mais dinheiro

(Cazuza e Arnaldo Brandão)

Agenor de Miranda Araújo Neto, mais conhecido como Cazuza (Rio de Janeiro, 4 de abril de 1958 – Rio de Janeiro, 7 de julho de 1990), encantou-se aos 32 anos.

YAWALAPITI: RESISTÊNCIA INDÍGENA EM FORMA DE ARTE

Os Yawalapiti, cujo nome significa “aldeia dos tucuns”, é um povo indígena de pouco mais de 250 pessoas que vive na porção sul do Parque Indígena do Xingu, na região conhecida como Alto Xingu, no encontro dos rios Tuatuari e Kuluene, distante cerca de cinco quilômetros do Posto Leonardo Villas Bôas.

Na aldeia Yawalapiti, todo mundo acorda cedo, entre 4h30 e 5h, e dorme por volta das 22h. Durante o dia, os Yawalapiti praticam a caça, a agricultura, a pesca e, mais recentemente, o artesanato para venda fora da aldeia, comercializado por instituições parceiras no Brasil e no mundo inteiro.

As mulheres fiam o algodão, tecem as redes e as esteiras, e preparam a pasta de urucum, o óleo de pequi e a tinta de jenipapo. Os homens fazem os cestos, os instrumentos cerimoniais (flautas e chocalhos), e realizam todos os trabalhos em madeira (bancos, pilões, pás de virar o beiju).

Hoje, mulheres e homens produzem belíssimas peças em miçanga de vidro, disponíveis na Loja Solidária da Xapuri: www.xapuri.info/loja-solidaria. Ao comprar uma delas, você fortalece a economia comunitária, a cultura indígena e a resistência milenar do povo Yawalapiti.



Fonte:
www.pib.socioambiental.org
Fotos: Kaiti Yawalapiti



Nós fazemos a Xapuri acontecer. Você, com sua assinatura,
faz a Xapuri continuar acontecendo!

**REVISTA
IMPRESSA**

ANUAL

R\$ **150**,00
12 EDIÇÕES

BIANUAL

R\$ **250**,00

24 EDIÇÕES
(BÔNUS: REVISTA DIGITAL)

ASSINE JÁ!

WWW.XAPURI.INFO/ASSINE